



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

LUDMILA NOGUEIRA DE MACEDO PITTA

**Trabalho manual: a técnica da renda de bilro como elemento
de promoção de saúde**

FORTALEZA – CEARÁ
2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

LUDMILA NOGUEIRA DE MACEDO PITTA

**Trabalho manual: a técnica da renda de bilro como elemento
de promoção de saúde**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Ilvana Lima Verde Gomes

**Fortaleza – Ceará
2010**



U.E.C.E

Universidade Estadual do Ceará

Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Trabalho manual: a técnica da renda de bilro como elemento de promoção de saúde

Nome da Mestranda: Ludmila Nogueira de Macedo Pitta

Nome da Orientadora: Profa. Dra. Ilvana Lima Verde Gomes

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA/CCS/UECE, COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM SAÚDE PÚBLICA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM "SAÚDE E SOCIEDADE".

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ilvana Lima Verde Gomes

(Orientadora e Presidente)

Prof. Dr. Andrea Caprara

(1º membro da banca)

Profa. Dra. Maria Veraci Oliveira Queiroz

(2º membro da banca)

Defesa em: 13 de dezembro de 2010

Dedicatória

A Deus, pois sempre me abençoa sobremaneira... “Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus, para convosco” (I Tess. 5:18);

Aos meus pais, que me possibilitaram este curso;

Ao meu marido, André, que não me deixou desistir;

À minha Marcela, filha amada e que já se faz presente;

À minha orientadora, Profa. Dra. Ivana Gomes, que foi meu porto seguro em momentos de “naufrágios”.

Agradecimentos

À Universidade Estadual do Ceará, por ter me adotado nesta importante jornada e por ter me concedido o privilégio, por meio do Mestrado Acadêmico em Saúde Pública, da convivência com grandes mestres e com funcionários dedicadíssimos.

À professora doutora Ilvana Lima Verde Gomes, minha orientadora, que me aceitou como orientanda e aceitou também o desafio de andar por caminhos desconhecidos. Meu insistente *muito obrigada!*

Aos professores doutor Andrea Caprara e doutora Maria Veraci Oliveira Queiroz, que, de forma gentil e comprometida, aceitaram contribuir com este trabalho.

Ao meu amado marido André, por acreditar em mim e não me deixar desistir frente às dificuldades, e por ser um estímulo alegre e constante na minha vida!

Aos meus pais, por sempre apostarem e acreditarem em mim mais do que eu!

Às rendeiras da Prainha, por estarem sempre disponíveis e de sorriso no rosto ao falarem do seu fazer, e por me aceitarem em seu meio.

RESUMO

O estudo objetivou compreender como o trabalho manual da renda de bilro pode contribuir com a saúde da mulher rendeira, assim como discutir como esta atividade pode ser usada como elemento estimulador da autoestima e como, enquanto atividade coletiva, pode contribuir como elemento promotor de saúde. É um estudo exploratório de natureza qualitativa. Foi desenvolvido na localidade da Prainha, no município de Aquiraz, a 30 km de Fortaleza, em três locais de venda de renda distintos. As rendeiras eram as informantes e as entrevistas semi-estruturadas ocorreram nos seus locais de trabalho. As temáticas abordadas se referem ao dia-a-dia das rendeiras, como elas percebem seu trabalho, se o valorizam e se é valorizado pelos demais, quais as dificuldades, o que o trabalho lhes fornece e como elas se veem como mulheres. As entrevistas foram transcritas, feitas leituras exaustivas, seguindo a categorização e então foram submetidas a análises. Nos resultados das análises, as rendeiras mostraram que assumem uma carga excessiva de trabalho, ainda que não o chamem assim, demonstram a satisfação no fazer renda *per se*, relataram a importância do grupo como rede de apoio, descreveram as dificuldades na remuneração do trabalho que dependem da sazonalidade para vender seus produtos, revelaram as consequências físicas causadas pela má postura durante o fazer renda, e revelaram a desvinculação da mulher, no sentido sexual, da rendeira, a trabalhadora, referem-se ainda à autoestima e como elas se valorizam enquanto mulheres. O estudo revela características deste fazer que promovem a autoestima, o relaxamento, o prazer, o apoio, promovendo assim os alicerces para uma saúde equilibrada e feliz.

Palavras-chave: Trabalho; autoestima; saúde.

ABSTRACT

This research dedicates itself to the study of the understanding of the handcraft work of “renda de bilro”, as to discuss how this kind of work can contribute to the rendeira’s health, also how this activity can be used as a stimulation to these women self-esteem, and how this work, as a group activity, can also provide elements to promote health. It’s a qualitative nature study. It was developed in a small ville called Prainha, at Aquiraz, 30 km from Fortaleza, in three different sale centers. The rendeiras were interviewed on their work places. The themes asked were about her daily activities as housewives; how they realize their jobs; if they valorize it; and if it’s valorized by others; which are the difficulties; what their jobs can provide and how do they see themselves as women. These statements were recorded and written for interpretations and analyses. The analyses results showed that these women assume many assignments other than their jobs, they also demonstrate pleasure by doing the hand craft work itself, they say how important is the group as a group support, enumerate the difficulties to sell their products because of the seasonality and how their bodies can suffer by assuming a bad posture, they also revel the perception about their sexuality, and also show how they realize their self esteem. The study revels some features of this hand work that can promote self esteem, relaxation, pleasure, support, providing all the elements to a healthy, balanced, and happy life.

Key-words: Work; self esteem; health.

SUMÁRIO

1	INTERESSE E APROXIMAÇÃO COM O TEMA	8
1.1	O objeto da pesquisa	11
2	OBJETIVOS DA PESQUISA	13
2.1	Objetivo geral	13
2.2	Objetivos específicos	13
3	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	14
3.1	Histórico da Terapia Ocupacional	14
3.2	A atividade como recurso terapêutico e o fazer da mulher rendeira: um paralelo	16
3.3	A renda e a mulher rendeira	18
3.4	A renda: um trabalho?	24
3.5	O trabalho e sua influência na vida das rendeiras	32
3.6	Mulher rendeira e rede social	34
3.7	Promoção da saúde	37
4	PERCURSO METODOLÓGICO	39
4.1	Tipo de Estudo	39
4.2	Cenário	40
4.3	Participantes da pesquisa	42
4.4	Mecanismos e estratégias de coleta de dados	43
4.5	Método de análise das falas das participantes	45
4.6	Aspectos éticos	46
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	48
5.1	Jornada tripla de trabalho: o trabalho invisível	49
5.2	Prazer no trabalho: desenvolvendo a saúde mental	50
5.3	As dificuldades no fazer renda	53
5.4	O conforto do grupo dentro dos grupos	55
5.5	Os conflitos entre os grupos	58
5.6	Os frutos do trabalho	59
5.6.1	Os amigos da rendeira	60
5.6.2	Independência financeira	61
5.7	A mulher por trás da rendeira	62
5.7.1	A mulher despercebida	63
5.7.2	A rendeira e sua autoestima	65
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	Referências	73
	APÊNDICES	
	Apêndice I – Roteiro da Entrevista semi-estruturada	
	Apêndice II – Termo de consentimento livre e esclarecido	
	ANEXOS	
	Anexo I - Parecer do Comitê de Ética	

1. INTERESSE E APROXIMAÇÃO COM O TEMA

O desejo de trabalhar com essa temática começou no ano de 2003 quando fui trabalhar como Terapeuta Ocupacional no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade de Aquiraz.

Percebi que, numa terra de rendeiras, essa atividade poderia ser utilizada como recurso terapêutico, então coloquei uma almofada de 12 bilros (instrumento utilizado para a confecção da renda, juntamente com a almofada, papelão e linha) no CAPS. Partindo do princípio da Terapia Ocupacional de que as atividades só são produtivas, terapeuticamente falando, se forem imbuídas de sentido e significado por seus executantes, assim a renda poderia ter seu lugar naquele contexto específico.

Na formação de diversos grupos de terapia ocupacional, chegamos num grupo em especial formado por pessoas acima de 50 anos, composto por um homem e seis mulheres. Destes, uma senhora chamou a minha atenção para a renda. Ela tinha 70 anos, morava com uma filha na localidade da Prainha. Tinha depressão, não desenvolvia nenhuma atividade em casa, quando muito chorava de tristeza, até que sua filha descobriu o CAPS de Aquiraz e passou a levá-la, iniciando-a no grupo. Esta senhora desenvolveu, por algum tempo, bordado de lã em talagarça, mas logo se deu conta da almofada e, certo dia, foi até ela e olhou o trabalho começado e disse: *“De quem é essa almofada? Tá tudo errado, o ponto tá errado, posso ajeitar?”* e depois disso não parou mais de fazer renda. Essa senhora passava as tardes de segunda-feira junto da almofada, pouco falava com os outros, tão grande era sua concentração naquela atividade, mas sua motivação para o tratamento era perceptível. Depois de

algum tempo de tratamento no CAPS, voltou a desenvolver essa atividade também em casa, como forma de lazer e de passar o tempo.

Observei então como este fazer, neste contexto, era importante, observei como o fazer renda é um elemento que faz parte dessas mulheres, é parte da vida, da rotina, de seu meio social e, na história desta senhora, um promotor de saúde.

Agucei meu olhar e comecei a descobrir as rendeiras por trás das mulheres adoecidas mentalmente que procuravam o serviço. Comecei a estimular o retorno à atividade de fazer renda. Elaborávamos planos terapêuticos onde a renda de bilro era a ferramenta de resgate da autoestima e da autonomia dessas mulheres.

Fazer renda, como trabalho manual, está imbuído de volição, dedicação e satisfação em ver o produto de seu trabalho e seu retorno financeiro. É uma atividade cultural-histórica, carregada de tradição, uma vez que é perpetuada de mãe para filha, desde a mais tenra idade.

Então, fui à busca das rendeiras que não haviam parado sua atividade e que viviam disso, fiquei curiosa em saber como elas compreendem essa ocupação, como elas veem a atividade da renda, se elas utilizam a atividade de fazer renda como um recurso mantenedor da saúde ou, ainda, se percebem isso.

Assim escolhi um polo de rendeiras, na Prainha, para compreender esse universo e conhecer esta atividade no olhar de quem a exerce.

A renda é parte de nossa história, é fonte de recursos, é trabalho, é arte, é atividade, fazer renda abriga em si diversos aspectos a serem explorados, e, direcionando essa atividade para o enfoque em saúde, podemos extrair dessa ocupação aspectos construtivos de saber, de cultura, de valorização do trabalho e,

talvez, fonte de manutenção da saúde de mulheres que são, além de rendeiras, mulheres, mães, donas de casa e provedoras de sustento da família.

O trabalhador, segundo o sociólogo C. Wright Mills:

[...] imbuído do ofício artesanal se envolve no trabalho em si mesmo e por si mesmo; as satisfações do trabalho são per se uma recompensa; os detalhes do trabalho cotidianos são ligados, no espírito do trabalhador, ao produto final; o trabalhador pode controlar seus atos no trabalho; a habilidade se desenvolve no processo do trabalho; o trabalho está ligado à liberdade de experimentar; finalmente, a família, a comunidade e a política são avaliadas pelos padrões de satisfação interior, coerência e experimentação do trabalho artesanal (C. Wright Mills apud SENNETT, 2009:37).

Aprendi que a renda é uma tradição familiar, o aprendizado se faz de mãe para filha, ou de avó para neta. A partir dos seis anos a menina já começa a “trocar” os bilros, com pedaços de linhas que sobram dos trabalhos de suas mães ou mesmo extraídas das redes velhas. A atividade de fazer renda começa como brincadeira na vida das meninas, é introduzido como brincadeira, é interessante observar que mesmo sendo um trabalho pouco remunerado, as mais velhas fazem questão de passar seus conhecimentos para suas descendentes, há aí uma valorização intrínseca, diretamente ligada ao fazer em si. O fazer renda independe da idade, desde a menina mal saída da infância à senhora de costas curvas pelo peso da idade.

O trabalho artesanal da rendeira tem todas essas atribuições, ainda que num nível menos “consciente”, visto que são pessoas de pouca educação formal, mas o trabalho oferece a elas a possibilidade de pensar em grupo, de conviver em comunidade, de mesclar sua rotina de dona de casa às lutas de busca de seus direitos enquanto trabalhadoras e mulheres, conferindo-lhes autonomia e assim resgatando e/ou estimulando sua autoestima.

1.1 O objeto da pesquisa

O trabalho da mulher rendeira não se enquadra diretamente no formato do mercado de trabalho e das lutas trabalhistas do movimento feminista, mas elas fazem parte de uma comunidade de trabalho e de uma rede social. As rendeiras são mulheres geralmente pobres, que necessitam do trabalho para sua subsistência e de sua família (BONATELLI, 1956).

Em virtude de ser um trabalho “informal”, artesanal, não obedece diretamente ao formato “capitalista”, não segue jornadas de trabalho. Na verdade, é a própria rendeira que determina seus horários, o que não faz deles nada menos cansativos (MILLS, 1979).

O tipo de trabalho desenvolvido pela mulher rendeira, da maneira que se “aculturou” no Brasil, não obedece a padrões regulares de trabalho, nem legalmente, nem costumeiramente, com jornadas ou salários definidos: é um ofício de subsistência, de necessidade, de dom, de cultura, de meio de vida. (MENDONÇA, 1961)

Ante as observações e experiências ocorridas durante minha prática profissional, juntamente com os dados colhidos com esta pesquisa, levantei alguns questionamentos a que pretendo responder: O trabalho manual atua como recurso terapêutico na melhoria da autoestima dessas mulheres? A produção da renda de bilro tem função significativa na promoção da saúde delas? O que o produto, físico e subjetivo, do trabalho manual proporciona a estas mulheres enquanto seres sociais?

As respostas a essas perguntas podem mostrar uma referência para a saúde pública em que o trabalho, antes de ser fonte de renda, pode ser fonte de organização social, de satisfação pessoal, de autoestima, levando assim para uma manutenção ou

melhoria da saúde dessas mulheres, e, ainda, ampliar o atendimento primário à saúde ao estímulo ao trabalho manual como recurso terapêutico de prevenção a doenças.

2. OBJETIVO DA PESQUISA

2.1 Objetivo Geral:

Compreender como o trabalho manual de fazer renda contribui como um dos elementos de promoção de saúde da mulher rendeira.

2.2 Objetivos Específicos:

- Descrever como a atividade de fazer renda contribui enquanto suporte social e pode ser utilizada como recurso de promoção de saúde;
- Discutir como a atividade de fazer renda pode ser elemento estimulador/mantenedor da autoestima das rendeiras.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

3.1 Histórico da Terapia Ocupacional

A origem da Terapia Ocupacional não tem uma data precisa, mas existe um contexto histórico que aponta para a sua criação.

Nos séculos XVII e XVIII os indivíduos que não se ajustassem em um padrão ou função das classes sociais, eram discriminados, ignorados pela sociedade. Estão nestes desajustes os indigentes, vagabundos, preguiçosos, incapazes, velhos, prostitutas, loucos, etc. Eram considerados ameaças à sociedade e, por isso, entendia-se que deveriam ser isolados do convívio social. Assim, essas pessoas eram excluídas em asilos, os antigos leprosários da Idade Média.

A princípio, esses asilos eram, de fato, lugares de exclusão social desses marginalizados: todos eram reunidos no mesmo estabelecimento, diferenciados apenas nas formas de exigências disciplinares e não havia preocupação com os diagnósticos ou tratamentos (CARLO, BARTALOTTI, 2001).

Na França, em 1791, o doutor Philippe Pinel, então diretor do asilo Bicêtre, fez a diferença no tratamento dos asilados com a quebra dos grilhões que mantinham presos os infelizes insanos do espírito, com o Tratamento Moral. Assim se deu a introdução da utilização da ocupação como parte do tratamento dos doentes mentais. Essa modalidade de tratamento se difundia na Europa e na América, assim como o Positivismo ganhava força em defender que *“só é compreensível e possui sentido aquilo que se pode comprovar pela experiência”* (BRUGGER, 1977:323).

Apenas no início do século XX, com o renascimento do tratamento Moral e início da Primeira Guerra Mundial, é que a Terapia Ocupacional teve seu início formal.

As enfermeiras foram as primeiras profissionais a utilizarem a terapia ocupacional como tratamento aos sequelados da guerra, afetados física e mentalmente. Em busca da reabilitação e necessária reinserção social dos indivíduos, com capacidade produtiva, o tratamento por meio da ocupação tinha como proposta “*o treinamento de hábitos adequados de autocuidado e de comportamento social mediante gradualismo de demandas físicas para a atividade*” (CARLO, BARTALOTTI, 2001:25).

No início do século XX, Eleonor Clark Slagle, enfermeira americana, foi uma das fundadoras da primeira escola regular de Terapia Ocupacional. Ela fundamentava-se na ideia de que o comportamento só poderia ser organizado pelo agir, pela utilização ativa e intencional do tempo no contexto de uma vida normal.

Formalmente a Terapia Ocupacional surgiu na segunda década do século XX, nos Estados Unidos, a primeira escola foi criada em 1917, enquanto que em outros países, como a Inglaterra, a profissão só foi inaugurada na Segunda Guerra Mundial. Os cursos eram conduzidos e supervisionados por médicos, auxiliados por enfermeiras e assistentes sociais, que muitas vezes tornavam-se terapeutas ocupacionais (CARLO, BARTALOTTI, 2001).

Já no Brasil, o precursor da terapia Ocupacional foi Juliano Moreira, em 1903 no Rio de Janeiro. Em 1911 criou a colônia para mulheres, onde a terapêutica pelo trabalho passou a ser executada com maior intensidade.

O primeiro serviço de Terapia Ocupacional foi criado em 1946, no Centro Psiquiátrico Nacional, dirigido pela Dra. Nise da Silveira, grande defensora do uso da ocupação como recurso terapêutico. O primeiro curso foi instalado pela ONU em 1964, com duração de 12 meses, e foi ministrado no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Em 13 de outubro de 1969, através do Decreto-Lei nº 938, são definidas as atribuições do Terapeuta Ocupacional e a formação de nível superior é reconhecida.

3.2 A atividade como recurso terapêutico e o fazer da mulher rendeira – um paralelo

A atividade como recurso terapêutico é o pressuposto básico da terapia ocupacional que defende que o fazer, a ação, pode exercer um efeito terapêutico sobre o sujeito da ação. A atividade em si não é necessariamente terapêutica, mas o fazer junto, com objetivo voltado para a superação de uma incapacidade ou inabilidade, vem revestir esse fazer com a ação terapêutica que a Terapia Ocupacional usa como recurso.

O fazer está no campo social, visto que é sempre um ato social, que cria relações, objetivos comuns, dá sentido e função ao ser, por mais que este tenha limitações de ordem física ou mental. A Terapia Ocupacional, neste sentido, trata de restabelecer uma potência produtiva, possibilita uma produção com significado (MAXIMINO, 2001).

Olhando este fazer com objetivo, observa-se a transformação do objeto, mas também se pode observar a transformação do agente, à medida que o indivíduo transforma o mundo ao seu redor, este também é transformado por essas mudanças.

Têm-se como princípios de fundamentação da Terapia Ocupacional a busca do significado da ocupação humana, em que se relata que os homens são possuidores de uma natureza ocupacional, que a doença interrompe este potencial de ocupação, e, por último, que a ocupação é reconhecida como sendo organizadora natural do comportamento humano e que pode ser terapêuticamente utilizada para refazer ou reorganizar o comportamento cotidiano (FRANCISCO, 2001).

Com base nesses princípios podemos dizer que:

O trabalho e a ocupação são vistos assim como o alimento e o ar, necessários para a sobrevivência do organismo humano. A atividade, aqui, mantém a organização e o equilíbrio do corpo, através do ritmo de trabalho, descanso, lazer e sono (FRANCISCO, 2001:29).

Lembrando que esta atividade não se aplica como terapêutica no sentido que a Terapia Ocupacional trabalha o fazer, mas fazendo um paralelo neste fazer ordenador, saudável, social, de integração e definição do ser produtivo na relação de trabalho, com a função que a atividade terapêutica traz como organizadora, reabilitadora e promotora da saúde.

Assim, a terapia ocupacional pode lançar mão deste fazer e aplicá-lo como um recurso terapêutico num contexto em que ele seja a ponte entre a incapacidade patológica funcional e a reabilitação do ser funcional e capaz, física ou mentalmente.

Fazer renda requer habilidades específicas, e viver de fazer renda, ou seja, tê-la como profissão, requer mais que as habilidades, requer um estilo de vida que comporte a demanda da produção, planejamento na execução e dedicação diária.

Fazer renda em si não é tido como uma prática terapêutica ocupacional, mas pode ser um recurso utilizado como ferramenta de resgate dessas mulheres adoecidas física ou mentalmente.

3.3 A renda e a mulher rendeira

O escasso material de pesquisa sobre a renda de bilro geralmente se refere a essa arte com um olhar romântico, um viés melancólico. Lendas antigas parecem ser dar origem a este “clima” romântico que cerca a renda. Mitos gregos contribuem para este “perceber” romântico, de solidão e espera que envolve o processo de tecer...

Tem-se o mito de Penélope:

No mito grego Penélope espera a volta de Ulisses, o herói conquistador que se perdeu por horizontes longínquos e tarda em voltar. Mas Penélope não tece para se distrair. Tece com o pretexto de enganar seus pretendentes, que, certos da morte de Ulisses, a pressionam contrair novas bodas. Ela decide então começar a bordar um tapete e só ao término do trabalho fará sua escolha, a escolha do pretendente. A estratégia de Penélope, como sabemos, era outra. O que ela tecia durante o dia, desfazia durante a noite, adiando indefinidamente o término do trabalho e a escolha do novo consorte. Mas Penélope esperava por Ulisses, sabia de intuição profunda que o marido, não só não havia morrido como haveria de voltar, e então sua longa espera seria recompensada e sua paciência estaria francamente justificada. (ALMEIDA, 2003:7)

Esta é uma das mais claras e populares imagens de feminilidade, a da mulher que espera o seu amado, o seu amor, que tece a espera na esperança quase certa de que ele retornará, desde a deusa à mortal que espera seu querido, seu consorte.

Ainda, algumas lendas se referem à criação da renda propriamente dita, dentre elas, tem-se a que é contada em Veneza, segundo Mendonça, a qual narra que:

Certo pescador partiu para longa viagem aos mares orientais. Mas antes da partida, confiara à sua noiva um ramo de coral delicadamente cortado. Para encher o vácuo de sua solidão infinda, teria a jovem procurado imitar com a agulha, num rendilhado lindo, a preciosa lembrança. Entretanto, não o conseguia porque a complexidade do desenho dificultava-lhe a tarefa. Então, tomando os fios entre as próprias mãos, entrelaçou-os e os dispôs de tal maneira que teceu, sem o auxílio da agulha as malhas e o desenho ornamental. O amor e a saudade teriam produzido a renda maravilhosa. (MENDONÇA 1961:45)

A renda geralmente está associada à praia, e as rendeiras são esposas de pescadores ou “marinheiros”.

Tem-se assim o feminino desenvolvendo trabalhos manuais, demonstrando a delicadeza e a precisão, a espera... o feminino que ama, que suporta a falta, que preenche o longo tempo com longos trabalhos, que fia a espera em linha, bilros,

agulhas, tecidos, que fia o pensamento no amado que por ora está distante, tece a esperança de vê-lo voltar, preenche o medo de nunca mais vê-lo ao produzir o bordado, a renda.

Sobre a invenção da renda, lenda ou realidade, não é possível precisar a época nem local de origem da invenção da renda, mas nas referências tem-se como época de sua criação o fim do século XV (FLEURY, 2002).

Engenerand define a renda como sendo “Obra na qual um fio, conduzido por uma agulha, ou vários fios trançados por meio de bilros, engendram um tecido e produzem combinações análogas às que os desenhistas obtêm com o lápis” (*Apud BONATELLI, 1956:2*).

Já Arthur Ramos define a renda como sendo:

(...) a renda pode ser considerada como um fio enrolado sobre si mesmo, sem fundo de tecido pré-existente, de maneira a formar, ou uma retícula simples, ou um desenho mais ou menos complexo. Neste caso a renda é tão antiga quanto o bordado. (RAMOS 1948:12)

Segundo Mendonça (1961), muitos foram os autores europeus, principalmente os franceses, sobretudo mulheres, que estudaram os trabalhos manuais femininos e os expuseram curiosamente, referindo tecidos, pontos e materiais empregados, assim como a época em que foram realizados.

Existem dois tipos, a renda de agulha e a renda de bilros, estima-se que ambas tenham surgido na mesma época (FLEURY, 2002).

Segundo Bonatelli (1956:2), a técnica surgiu no fim do século XV ou no começo do século XVI como uma forma de “quebrar” a monotonia do bordado,

passando a ter como matéria de confecção unicamente a linha, que com trançados combinados formam um tecido.

Quanto à origem da renda, há muita controvérsia e nenhuma certeza sobre o local específico onde foi criada. Bonatelli (1956:3) conta que muitos historiadores consideram Veneza o berço da renda de agulha. A história registra indícios de fabricação de renda em Veneza no ano de 1536. Do ofício de rendeira, ouviu-se falar em Portugal, pela primeira vez, no ano de 1550, no reinado de Dom Sebastião (NOBLAT, 1975).

Os autores belgas, segundo Mendonça (1961:46), atribuem a Flandres o lugar de origem da renda de bilro, citam um quadro em 1495, de uma jovem fazendo renda numa almofada semelhante às almofadas belgas mais atuais, sendo duvidosa a autoria do quadro na visão de outros autores.

As duas autoras, Bonatelli e Mendonça, concordam que, provavelmente, a Itália setentrional tenha sido de fato o berço da renda de bilros e Veneza, o foco principal da renda de agulhas. Na verdade, nunca se poderá afirmar, com certeza, o lugar de origem dessa atividade, devido à sua larga e rápida difusão. A renda terá, de certo modo, surgido em vários pontos, difundindo-se, aculturando-se e modificando-se.

A partir do século XVII a renda já era bem difundida na França, onde ocupava as longas horas de espera das castelãs saudosas de seus maridos que haviam ido para as Cruzadas. As monjas também se valiam da renda como ocupação nos conventos. A renda popularizou-se na Europa, como adorno masculino e feminino, usado tanto na Corte como fora dela, em templos e altares. Os reis e rainhas, damas e nobres, sacerdotes e neófilos, todos utilizavam a renda, por isso o artigo encareceu e tornou-se artigo de luxo, e nem todos podiam comprá-la. Após a Revolução Francesa o uso

diminuiu, mas logo voltou ao uso. A renda era artigo de luxo, em golas, punhos, peitilhos, blusas, dentre outros (BONATELLI, 1956).

Em Portugal a produção de renda também se propagou e, em certos lugares, era uma indústria bastante lucrativa. No país lusitano a renda também representava artigo de luxo. Constitui-se numa indústria caseira e é feita tradicionalmente por mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima. São, por muitas vezes, esposas e filhas de pescadores, daí o aforismo: “*Onde há redes, há renda*” (FLEURY, 2002).

O ofício era comum nas classes mais baixas, mas por um tempo, foi costume das moças da alta sociedade aprender a arte da renda de bilros. Mas era tipicamente uma atividade desenvolvida pelas mulheres de classe social mais pobre (BONATELLI, 1956).

A bibliografia escassa não permite saber quando teve início essa arte no Brasil, mas acredita-se que a renda de bilros tenha sido trazida para o Brasil pelas religiosas portuguesas, francesas e espanholas, mulheres que se dedicavam a esse ofício. A produção segue as características de Portugal, de serem produzidas eminentemente por mulheres pobres, esposas e/ou filhas de pescadores ou camponeses (BONATELLI, 1956).

Quase que relegada ao esquecimento, por ser desprezada pelas mulheres da burguesia no ensino de suas filhas, a renda de bilro aculturou-se e difundiu-se mais do que os outros tipos de trabalhos manuais entre as mulheres das camadas pobres das zonas litorânea e sertaneja do nordeste.

A confecção da renda espalhou-se pelo Brasil, tendo como focos principais o Nordeste e Santa Catarina. Foram detectados, em menor escala, produções em São

Paulo, Minas Gerais, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Piauí, Maranhão, Bahia e Sergipe (SALLES, 1986:106).

A região por excelência das rendas de bilros é a região nordeste, mais particularmente o litoral e o sertão do Ceará, há também um importante foco de produção em Santa Catarina (na cidade de Florianópolis).

Mendonça comenta:

A renda de bilros tornou-se ocupação caseira de muita mulher pobre cearense;... Quase sempre, numa família pobre, alguém sabia fazer renda. Ocupação agradável, pouco cansativa, vagarosa, apropriadamente feminina e que dava como resultado um tecido mimoso, tão ao gosto do senso de beleza da mulher. (MENDONÇA 1961:51)

A mulher rendeira faz sua renda enquanto cuida do almoço, do filho pequeno, da casa, do marido, do pai doente... É uma atividade que permite infinitas interrupções sem prejudicar sua confecção, afinal havia sido criada para isso, para preencher as horas vagas (MENDONÇA, 1961).

Mas há as mulheres rendeiras que saem de casa para dedicar-se ao ofício, essas delegam suas funções de dona de casa e seguem para uma vida mais autônoma, também provedora do lar, assim como seus maridos pescadores. Essas são rendeiras por aptidão e decisão, são profissionais da renda, vivem disso, e disso tiram seu sustento e de suas famílias.

A mulher rendeira e seu universo de trabalho transformam-se em um símbolo da cultura cearense. Símbolo de muitas faces, resistência, tradição, fonte de renda, cultura artesanal, etc. A arte resiste bravamente ao passar dos anos, a técnica é repassada de geração a geração. Não se sabe ao certo como se deu o processo de introdução dessa prática no Ceará, mas sabe-se que as cearenses foram e continuam

sendo as que mais desenvolveram este ofício, transformando o Ceará em um dos maiores centros de produção de renda de bilro do Brasil.

Segundo Porto Alegre:

Há uma memória técnica responsável pela transmissão do conhecimento prático, que ocupa um lugar decisivo na construção da memória coletiva, da identidade social e do sentido de permanência de um lugar. (ALEGRE 1994:23)

A identidade e a apropriação dessa cultura é quase que involuntária, pois mesmo que os laços de identificação com essas atividades sejam deveras estreitos, ainda assim é fator comum aos nascidos no Ceará.

Vasconcelos afirma que:

[...] na abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim também Halbwachs longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coesão, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de comunidade afetiva. (VASCONCELOS 1997:20)

Fazer renda, rendar, renda de almofada, renda de bilro, são os vários nomes para definir esta atividade. A origem da palavra *renda* não é bem conhecida. Aparece como dissimilação do espanhol *randa*, que veio do provençal *randa* – adorno, deverbal de *randar*, adornar. O significado da palavra renda aparece, segundo Ferreira, como:

(...) tecido de malhas abertas e com textura geral delicada, cujos filis (de linho, algodão, seda, etc.) trabalhados à mão ou à máquina, entrelaçam-se formando desenhos e que é usado para guarnecer ou confeccionar peças de vestuário, alfaias, roupas, roupa de cama e mesa, etc. (FERREIRA 1986:1484)

O fazer renda engloba o ato, a motivação, a volição e a habilidade do indivíduo. Mesmo em seus movimentos automatizados identificamos as motivações que vão desde o contexto histórico ao econômico.

Fazer renda pode ser uma ação coletiva, muito embora seja um trabalho individual. A cultura rendeira requer pessoas, requer rendeiras. Não é um processo solitário, se constitui em uma atividade que, mesmo que individual, é compartilhada.

3.4 A renda, um trabalho?

Tratar a renda como apenas trabalho subtrai deste fazer grande parte do que ele realmente significa. Ou seja, definir o fazer renda apenas como um trabalho é limitar muito sua influência na vida dessas mulheres.

Teles (2005:123) relembra o termo “práttēin” que é o imperativo do verbo grego que designa ação, atividade, realização: “É o ato de percorrer o caminho até o fim; executar, cumprir, realizar alguma coisa por si mesmo”. É deste verbo que deriva o substantivo “práxis”.

Vasquez (1977), na “Filosofia da Práxis”, comenta que práxis é a atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano. A práxis caracteriza a ação humana, voluntária e consciente do homem sobre seu meio, segue que práxis se assemelha à atividade como ato de agir, mas há diferença nessas conceituações. É importante diferenciarmos práxis de atividade. Pode-se dizer que toda práxis é uma atividade, mas nem toda atividade é práxis. Entende-se que a atividade, em geral, é o ato ou conjunto de atos em virtude do qual um sujeito ativo modifica uma determinada matéria prima. Já a práxis caracteriza a ação humana

em si. Tem-se o trabalho humano como uma práxis. Segue a renda como uma atividade, uma práxis, o trabalho da mulher rendeira.

Na língua portuguesa a palavra *trabalho* origina-se do latim “*tripalium*”, aparelho de três paus para sujeitar os cavalos que não se deixam ferrar, s. m., ato ou efeito de trabalhar; conjunto das atividades humanas, manuais ou intelectuais, que visam à produtividade; esforço humano aplicado à produção de riqueza; cuidado ou esmero em qualquer serviço; ofício; ocupação; obra executada ou a executar; fadiga; cuidado; aflição; preocupação; ação de um maquinismo; maneira como alguém trabalha (FERREIRA, 1986). O trabalho é também o labor, o trabalho penoso, a labuta, a laboração, o lavor... as tantas facetas do trabalho.

O “trabalho” ganha significados mutantes ao longo do tempo, possui concepções positivas e negativas, varia desde um mero ganha-pão ao que dá significado à própria vida.

Mills explica que:

O trabalho... pode ser encarado como uma expiação ou como uma expressão exuberante de si mesmo; como um dever inelutável ou como o desenvolvimento da natureza universal do homem. (MILLS 1979:233)

Antigamente, o trabalho dos artesãos era de acordo com as habilidades e dons de cada um, visava-se à qualidade do produto e não especificamente à quantidade, diferentemente dos dias atuais. Na antiguidade, os artesãos não eram escravos, mas também não eram livres, em virtude da relação de dependência, eles não eram donos das terras, mas tinham sua utilidade e por isso não eram expulsos delas (ENQUITA, 1989).

Albornoz comenta, a respeito do trabalho artesanal, que:

Para o pensamento antigo é a finalidade que dá sentido e comanda o conjunto da atividade produtiva. A causa real da fabricação não está na vontade ou na força do artesão, mas fora dele, no produto feito, no fim a que se dirige a atividade... O artesão representa o papel de mero instrumento destinado a satisfazer as diferentes necessidades do usuário. (ALBORNOZ 1986: 45, 46)

Os gregos dividiram o trabalho em “vários” trabalhos, assim faz-se necessário a distinção de cada um, em virtude das diferenças tratadas. Hannah Arendt (*Apud* ALBORNOZ 1986) repensa essa distinção feita pelos gregos, definindo cada subcategoria:

Labor é aquele trabalho do corpo do homem pela sobrevivência. O modelo é o do camponês sobre o arado, no trabalho da terra. Ou o da mulher no parto. Há uma dose de passividade nessa atividade humana: a submissão aos ritos da natureza,[...] (Hannah Arendt *apud* ALBORNOZ 1986:47)

O conceito “poiesis” define o trabalho propriamente dito, o fazer, a fabricação, “criação de um produto pela arte”, é dito pela ação da mão humana na matéria, através de instrumentos ou não. Mas é um trabalho diferente do arado na terra; do “poiesis” não depende a vida do trabalhador, nem a de sua comunidade. São exemplos os escultores, pintores, que podem destruir suas obras sem que isso seja prejuízo para ninguém, no sentido de sobrevivência. Dá-se aí o esforço livre, dele não depende a vida (ALBORNOZ 1986).

Aqui a renda se mistura com labor e poiesis, é trabalho “braçal”, não de arado, mas de esforço físico, dedicação e é poiesis quando é arte, adorno, beleza, quando vira poesia nos olhos, nas mãos e ouvidos de quem faz e de quem vê.

Neste contexto grego, temos ainda a definição de “práxis”, que, segundo Albornoz é:

...aquele domínio da vida ativa onde o instrumento usado pelo homem é o discurso, a sua própria palavra. É o âmbito da vida política, onde se discutem os interesses, as paixões, as questões muito concretas que se referem ao convívio harmonioso entre concidadãos. (ALBORNOZ 1986:48)

Como nos dias atuais, os gregos faziam uma distinção clara do que era doméstico e do que era público. Vale ressaltar, porém, que nos dias atuais as diferenças desses contextos existem, mas alguns papéis foram transferidos de um domínio para o outro.

Já para os hebreus, a concepção de trabalho era de que este era uma labuta penosa, uma condenação pelo pecado cometido por Eva, o qual toda a humanidade pagaria eternamente. Uma visão de sofrimento e sacrifício.

Lutero traz uma nova visão do trabalho, confirma que é uma consequência do pecado, mas o estabelece como a base e a chave da vida. Diz que todo aquele que for capaz de trabalhar deve fazê-lo, sendo o trabalho uma forma de servir a Deus. Nesta visão o homem deve trabalhar, mas deve abster-se da cobiça dos frutos do trabalho (MILLS, 1979).

Na época do Renascimento, o trabalho foi tido por alguns como um estímulo para o desenvolvimento do homem e não mais como uma pena. Neste sentido o trabalho dito “braçal” também começa a ser reconhecido e valorado e, de um modo geral, não se repele mais o trabalho como uma ocupação servil, e às vezes é até prestigiado. O trabalho é tanto o trabalho em si como também um processo de autoprodução do homem. O homem se constrói à medida que constrói externamente, muda internamente na proporção que muda a natureza. É reconhecido socialmente em virtude dessa ocupação que lhe confere identidade (MILLS, 1979).

A mulher rendeira está em constante mudança, está sempre construindo e desconstruindo, tece peças e transforma suas vidas à medida que o trabalho funciona como um vácuo do pensamento, dando espaço para as transformações subjetivas, inconscientes, tirando das mentes as banalidades do dia-a-dia e relaxando, direcionando a atenção para o que está dentro.

Em Marx, encontra-se uma análise mais detalhada do que é trabalho. Ele estudou profundamente a relação homem *versus* natureza. Para ele, o trabalho é o processo de transformação da natureza pelo homem através da utilização de técnicas, e vice-versa (Marx *apud* RUIZ):

“Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação media, regula e controla o seu metabolismo e a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural, como força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se da matéria natural como forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nele adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (Marx *apud* RUIZ 2005:12)

Aqui se observa a visão de trabalho denotando apenas características de ganho ao trabalhador, dono de sua força motriz, de seu ritmo.

Nos dias de hoje, com as dificuldades econômicas, o *status* de ter um trabalho coloca o indivíduo em relação com o outro, conhecendo e sendo reconhecido nele e por ele, dá sentido à vida, transforma e é transformado, à medida que também se relaciona com a natureza.

Fazer renda é um ofício que engloba os conceitos aqui expostos, o labor, a práxis, a poiésis... é a vida, o estilo, o pensamento, a cultura, ultrapassa o campo da

ocupação enquanto profissão, permeia a completude da vida dessas mulheres. O modelo de trabalho artesanal é o mais aproximado modo de trabalho da mulher rendeira. A renda não se encaixa no contexto capitalista, no que diz respeito à sua produção, e mesmo à sua filosofia de ainda existir. O contexto da mulher rendeira capta características de vários modelos de trabalho, é uma miscelânea de várias definições e concepções. Este modelo engloba muitos aspectos deste fazer-trabalho. Implica em seis aspectos que definem essa forma de agir, de transformar a natureza (MILLS 1979).

Primeiramente, neste modelo tem-se a esperança de desenvolver um bom trabalho, realizando um produto de boa qualidade e a busca de prazer no fazer, no próprio trabalho. Segundo Mills:

Há uma relação interna entre o artesão e as coisas que ele faz, desde o projeto até sua finalização, que ultrapassa a mera relação legal de propriedade e torna espontânea e entusiástica a vontade de trabalhar do artesão. (MILLS 1979:238)

As outras motivações, como dinheiro, reputação ou ainda a “salvação”, como expiação dos pecados, são secundários ao ganho que o processo em si pode trazer. É como se a satisfação proporcionada pelo trabalho fosse suficiente para fazer o indivíduo viver para o seu trabalho. Outro aspecto a ser observado é o vínculo entre o produtor e o produto, um vínculo psicológico, o produtor pode ainda não ser o “dono” do produto, mas tem com este uma relação. O artesão, a mulher rendeira, conhece o que é necessário de habilidade e matéria prima, e projeta o resultado final de sua habilidade e labor. A rendeira conhece intrinsecamente o produto. Até em casos que não o produza por inteiro, ainda assim é capaz de ver o produto acabado, vê o que fez, compreende o resultado de seu esforço em relação ao todo, conhece o processo (MILLS 1979).

O modelo artesanal permite que o trabalhador seja livre para organizar o seu tempo de trabalho, de acordo com seus planos. Possui total liberdade para modificar sua forma e técnica de criação. Aqui o artesão é dono de sua atividade e de si mesmo. No processo, como coloca Mills:

[...] seu âmbito de ação independente é grande e racional para o artesão. Ele é responsável pelo produto final e livre para assumir essa responsabilidade. Ele próprio deve resolver seus problemas e dificuldades em relação à forma final que deseja atingir. (MILLS 1979:240)

O artesão é livre na resolução de dificuldades, como, onde e quando vai trabalhar, ele raciocina o processo, sabe onde quer chegar e os meios para alcançar tal objetivo.

Outro aspecto relembra algumas definições já abordadas, no sentido de enfatizar o trabalho artesanal como um meio de desenvolver sua habilidade e a si mesmo, uma forma de autoaperfeiçoamento. Ao passo que investe espiritual e tecnicamente, o artesão aperfeiçoa sua própria natureza.

Os dois últimos aspectos são complementares entre si. Abordam a qualidade do trabalho artesanal como divertimento, pois a ação em si é o próprio divertimento. Não há diferença entre trabalho e diversão e trabalho e cultura. O fazer agrega características de prazer, que se justifica nele mesmo, tem nele mesmo o seu fim, o fazer. No mesmo ato o artesão “brinca e trabalha” (MILLS 1979).

Num estudo realizado por Fischer (2002), mulheres que assumem algum tipo de trabalho, seja ele agrícola industrial, promovem um ajuntamento de mulheres no mesmo espaço, o que possibilita o desenvolvimento de uma consciência crítica,

fazendo com que elas comecem a refletir sobre suas relações no lar, no trabalho e na vivência social.

Ao entrarem no mercado de trabalho, por mais informal que seja, aprendem a se ver trabalhadoras e a lutar por um objetivo comum: o salário, ou o ganho, que constitui o fio de união de classe. Esse merecimento, ou salário, contribui para a consciência dos direitos e deveres, eleva o entendimento da importância da mulher no trabalho, na família e na comunidade. Fischer ilustra isso no relato de uma de suas entrevistadas:

Depois que comecei a trabalhar, mudei muito. O emprego é uma coisa que muda a pessoa, muda a vida. A gente, quando sai de casa pra trabalhar, fica mais sabida, mais orientada, aprende a separar o que presta do que não presta. Pensa mais nas coisas... A conversa com os outros ajuda muito. Quem trabalha fica informada de muita coisa, cada vez aprende coisas diferentes, aumenta a esperança de viver melhor, de lutar por uma vida mais digna. (FISCHER 2002:5)

Traçando um paralelo com a realidade da rendeira, vê-se que elas se apoderaram deste fazer, desta consciência, apesar da precariedade do trabalho, da pouca valorização financeira do seu produto, vê-se o preparo de algumas na forma de lidar com os turistas, estudantes, e quando precisam assumir o papel de “guerreiras” na hora de lutar pelos seus direitos.

A renda é uma atividade individual e grupal, é feita por cada mulher, mas estas se organizam de maneira que formam grupos de trabalho, suporte social, de força de incentivo e, por fim, em força de classe, construção de consciência, um corpo articulado que se nutre, cresce e se mantém apesar das dificuldades, graças ao grupo, graças à perseverança dessas mulheres.

3.5 O trabalho e a sua influência na vida das rendeiras

Ao longo do tempo, o trabalho foi adquirindo vários significados para o homem. Concebido como castigo e penitência no início do cristianismo, e glorificado na reforma protestante, quando passou a ser visto como virtude e salvação (MILLS, 1979).

Cristhophe Dejours (1990), ao comentar sobre a psicodinâmica do trabalho, fornece elementos para que se possa compreender as formas de organização do trabalho e da vivência dos trabalhadores. A psicodinâmica do trabalho considera a organização do trabalho como sendo a responsável pelo surgimento ou não de processo de sofrimento psíquico.

No trabalho da rendeira vê-se a liberdade de organização deste, uma vez que mais que um trabalho, é o estilo de vida daquelas mulheres. Aqui a organização obedece a regras um pouco frouxas, mas não menos exigentes. Há um misto de obrigação e displicência, em vista da não rigidez de trabalho que acaba por exigir mais das rendeiras. Não possuem seguranças financeiras, nem têm horas fixas de trabalho.

Apesar da não valorização financeira das peças produzidas, tem-se a valorização cultural e subjetiva do trabalho da rendeira, o que confere característica, define e satisfaz enquanto atividade. Tem-se o reconhecimento individual da concretização, do fazer e dos ganhos em se “estar fazendo”, ocupando os pensamentos, esvaziando-se de si e quase meditando na repetição frenética dos bilros, que hipnotizam e fazem as mulheres rendeiras ausentarem-se de si mesmas, dando espaço para a ausência de pensamentos.

Segundo Codo, Sampaio e Hitomi:

Quando trabalhamos em condições gratificantes, gostamos do produto realizado, alguns até se apaixonam por ele, como os escritores, por exemplo. Mas quando trabalhamos subjugados,

imprimimos raiva ao produto. (CODO, SAMPAIO, HITOMI 1993:190)

Assim como os artistas, as rendeiras, em sua arte, imprimem sua marca, sua personalidade e seu afeto ao produto. Ainda segundo Codo, Sampaio e Hitomi:

Existe sempre uma transferência de subjetividade ao produto: trabalhar é impor à natureza a nossa face, o mundo fica mais parecido conosco e, portanto, nossa subjetividade depositada ali, fora de nós, nos representa. (CODO, SAMPAIO, HITOMI 1993:189)

Cada peça leva um pouco da personalidade da rendeira que a produziu, leva um pouco da força de suas mãos, da justeza do ponto, da criatividade no uso das cores ou no capricho desmedido de cada trança.

A força de trabalho, antes de o ser, é a força de um ser humano, com história pessoal de vida, subjetividades, objetivos, aspirações e necessidades psicológicas, o que torna cada ser humano singular. Isso indica que “um” trabalho é visto e percebido de inúmeras formas, afetando cada indivíduo de maneira própria.

Dejours (1994:24) fala da carga positiva e negativa do trabalho, partindo do princípio de que o trabalho “torna-se perigoso para o aparelho psíquico quando ele se opõe à sua livre atividade”.

O trabalho da rendeira obedece ao seu ritmo, exige tempo, mas não exige hora nem local, exige apenas que seja feito, é a exigência da sobrevivência, do complemento do orçamento familiar, do sentido da vida da rendeira.

3.6 Mulher rendeira e rede social

Rede Social é um sistema composto por “vários objetos sociais (pessoas), funções (atividades dessas pessoas) e situações (contexto)” (Lewis *apud* DESSEN

2000:221), que oferece apoio instrumental e emocional à pessoa, em suas diferentes necessidades. Entende-se por apoio instrumental ajuda financeira, ajuda na divisão de responsabilidades em geral e informação prestada ao indivíduo. Apoio emocional refere-se a afeição, aprovação, simpatia e preocupação com o outro, e também a ações que levam a um sentimento de pertencer ao grupo (Craig & Winston *apud* DESSEN 2000).

Assim, rede social pode ser entendida como uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesse mútuo.

Segundo Dessen (2000), os suportes sociais recebidos e percebidos pelas pessoas são fundamentais para a manutenção da saúde mental, para o enfrentamento de situações estressantes, para o alívio de estresse físico e mental e para a promoção de efeitos benéficos relacionados aos sistemas cardiovasculares, endócrino e imunológico.

As redes de apoio social são definidas por Sluzki como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou que define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. E contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para a sua autoimagem. Nessa rede estão incluídas todas as relações do indivíduo, divididas em família, amigos, relações de trabalho ou escolares e relações comunitárias (SLUZKI, 1997).

Sluzki define rede social pessoal como:

"a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou que define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu

próprio reconhecimento como indivíduo e para a sua auto-imagem." (SLUZKI, 1997:41)

Outro ponto importante no trabalho de Sluzki é a definição das funções da rede. A rede social teria como principais funções:

- a companhia social, que se refere à realização de atividades conjuntas, ou simplesmente o estar juntos;
- o apoio emocional, que se refere aos intercâmbios que conotam uma atitude emocional positiva, clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio; é o poder contar com a ressonância emocional e a boa vontade do outro;
- guia cognitivo e conselhos, como as interações destinadas a compartilhar informações pessoais ou sociais, esclarecer expectativas e propiciar modelos de papéis;
- a regulação social, que permite interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam os desvios de comportamentos que se afastam das expectativas coletivas, permitem uma dissipação da frustração e da violência e favorecem a resolução de conflitos;
- ajuda material e serviços, que proporcionam colaboração específica, com base em conhecimento de especialistas, ou ajuda física, incluindo os serviços de saúde;
- acesso a novos contatos, se refere à abertura de portas, para a conexão com pessoas e redes, que até então não faziam parte da rede social do indivíduo. (SLUZKI, 1997: 49-53).

As rendeiras deste estudo funcionam em rede social nitidamente, seu fazer é coletivo e caracterizado, pelo menos a princípio, como um fazer feminino de apoio ao sustento familiar, onde muitas são esposas de pescadores, em uma comunidade em que esta é a cultura vigente. São mulheres, filhas, esposas, mães, donas de casa, que exercem a renda como uma atividade geradora de renda, o que as caracteriza enquanto força de trabalho.

3.7 Promoção da saúde

Segundo a Organização Mundial da Saúde, saúde é: “estado de completo bem estar físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade ou invalidez”.

A idéia de promover saúde tem se tornado uma força vital no novo movimento de saúde pública, no qual a saúde é vista como um fenômeno social que diz respeito à qualidade de vida (SOUZA, GRUNDY, 2004).

A promoção de saúde tem sido definida como o processo que capacita a população a exercer e aumentar o controle sobre a sua saúde, sendo dessa forma relativa ao bem estar individual e coletivo (Organização Mundial da Saúde, *Carta de Ottawa*; 1986).

A promoção de saúde é um processo abrangente e contínuo, que envolve prevenção, educação e a participação dos diferentes setores da sociedade na elaboração de estratégias que permitam a efetividade da educação para a saúde. Assim, a promoção transcende as atividades e as decisões individuais para tornar-se uma atividade coletiva.

Segundo Souza e Grundy (2004), o modelo biomédico de saúde, com o seu foco principal na etiologia, diagnóstico e tratamento das doenças, tem dado uma importante contribuição ao desenvolvimento da assistência médica. Mas essa abordagem reducionista em geral não leva em consideração outros fatores que influenciam a saúde, tais como o ambiente físico e social onde os problemas de saúde ocorrem.

De acordo com Terris (apud SOUZA e GRUNDY, 2004), a expressão "promoção de saúde" foi usada pela primeira vez, em 1945, por Henry Sigerist, historiador médico; para ele, a prática médica deveria compreender três grandes princípios: a promoção da saúde, a prevenção dos agravos à saúde, o tratamento e reabilitação. Terris dizia que para se ter saúde é necessário um padrão de vida aceitável, no qual estão incluídas condições apropriadas de trabalho, de educação, atividades culturais e de recreação. Quarenta anos depois, esses mesmos princípios estavam recomendados na *Carta de Ottawa* (Organização Mundial da Saúde; 1986).

De acordo com os preceitos da *Carta de Ottawa*, para se alcançar um estado real de saúde são necessários vários pré-requisitos, incluindo educação, renda adequada, justiça social e equidade. Para que essas condições sejam de fato alcançadas, o movimento de promoção de saúde tem que tornar a ação intersetorial uma prática mais tangível, o que requer alianças interdisciplinares consistentes e o desenvolvimento de movimentos comunitários suficientemente fortes para influenciar as políticas públicas (SOUZA e GRUNDY 2004).

Especificamente no contexto da mulher rendeira, a promoção da saúde permeia sua saúde física e mental, assim como as condições sociais do trabalho que

rege sua vida, sua rotina e seu modo de fazer as atividades diárias. Educação contínua em saúde é uma importante ferramenta de que estas mulheres podem lançar mão a fim de prevenir doenças ocupacionais e promover saúde em seu grupo de trabalho. O grupo unido tem força para exigir mudanças nas políticas públicas de saúde, demandando orientação em ginásticas laborais, dietas balanceadas, expressão de sua sexualidade, melhores condições de trabalho, dentre outros.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Tipo de estudo

É através da metodologia que se definem os métodos, técnicas e procedimentos a serem utilizados a fim de chegar ao objetivo da pesquisa, respondendo aos questionamentos. É “a arte de dirigir o espírito na investigação” (LEOPARDI, 2002:163), por meio de uma organização de procedimentos adequados para tal.

Minayo (2008: 44) diz: “a metodologia ocupa lugar central no interior da sociologia do conhecimento, uma vez que ela faz parte intrínseca da visão social de mundo, veiculada na teoria”. Portanto a metodologia inclui tanto as concepções teóricas quanto o conjunto de técnicas que permitem que o pesquisador trace seu caminho na busca da compreensão da realidade.

Este é um estudo exploratório de natureza qualitativa. Segundo Minayo (2008), o método qualitativo é:

[...] o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO 2008:57)

A autora comenta ainda que, apesar de este tipo de estudo já ter sido muito usado para pesquisas de grandes dimensões, essa abordagem se configura melhor em pesquisas de grupos menores, delimitados. Nessa pesquisa, o método foi trabalhado com as rendeiras que formam um grupo limitado, de características peculiares, em virtude do seu fazer.

Através da abordagem qualitativa, busca-se uma aproximação fundamental e de intimidade entre o sujeito e o objeto. Este tipo de pesquisa alcança uma melhor compreensão de um fenômeno social. É um procedimento que explora as técnicas de observação e entrevista, pois entram intrinsecamente no problema estudado, através da observação que pode revelar aspectos inesperados e surpreendentes (MINAYO, 2008).

Busca entender a natureza de um fenômeno social. E o método não se exclui do fenômeno, é, na verdade, o caminho para se chegar a conhecimentos válidos, e, no caso da pesquisa qualitativa, esse conhecimento é extraído diretamente de pessoas participantes do fenômeno estudado, por isso não podem ser controlados ou generalizados. Também não podem “ser suspeitos e tidos como não verdades” (LEOPARDI, 2002:196).

Em virtude das inúmeras facetas que um dado fenômeno pode apresentar, é importante que o pesquisador delimite os aspectos que interessam para a sua investigação; de outro modo, a investigação se perderia em si mesma. O investigador deve desenvolver habilidades de perceber o dito e o não dito, os gestos e atos, as passividades e as mudanças repetitivas que o fenômeno pode apresentar. É um constante processo de ir e vir, de construir e desconstruir.

4.2 Cenário

O estudo foi realizado em Aquiraz, que foi a primeira capital da província do Ceará, bem verdade que só o foi por um dia, mas o foi. Situa-se a cerca de 30 km de Fortaleza.

Segundo o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, o nome Aquiraz refere-se a uma antiga vila de Portugal. Outros acreditam na origem tupi, que significa "Gentio da Terra". Há, ainda, outros significados como "água pouco adiante" ou "caroço de fruta" (PREFEITURA MUNICIPAL DE AQUIRAZ - PMA).

Seus primeiros habitantes, cujos descendentes legítimos são encontrados no entorno da Lagoa da Encantada, são a tribo Jenipapo-Kanindé. O município de Aquiraz é caracterizado pela pesca artesanal, e seus símbolos são a jangada, o jangadeiro e a tradição de produção de artesanato em cerâmica, cestarias (trançados de fibras), renda de bilro e culinária, dentre outros (PMA).

A cidade tem como padroeiro São José de Ribamar, possui 482,8 km² de área geográfica e ostenta seus pontos turísticos nas praias Porto das Dunas, Prainha, Iguape, Presídio, entre outras.

Sua economia, de uma maneira geral, tem por base o turismo, a pesca, o cultivo da cana-de-açúcar, a fabricação de cera de carnaúba, produção de cerâmica, exploração de granjas, mandioca e a renda de bilro (PMA).

Segundo o Censo 2010, a população é predominantemente urbana. Tem uma população estimada, no ano de 2010, de 72.651 habitantes (IBGE, 2010).

A localidade onde a pesquisa foi desenvolvida é chamada de Prainha, local conhecido pela prática tradicional da renda de bilro, localizada próximo à sede do município. A Prainha é local de grande concentração de casas de veraneio e tem por atividades econômicas o turismo, a agricultura, o artesanato e a pesca. As pessoas dessa localidade também trabalham nas casas como caseiros ou jardineiros, e muitas dessas caseiras são rendeiras nas horas vagas.

Na Prainha, existe a Associação das Rendeiras da Prainha, fundada em 10 de agosto de 1979. Elas se reuniam no Centro das Rendeiras Luíza Távora, localizado no centro da Prainha onde produzem e vendem seus produtos. Mas, há pouco mais de um ano, foram transferidas para outros locais (restaurante e hotel locais) em virtude de uma reforma no dito Centro das Rendeiras, reforma esta que está parada há mais de seis meses.

As férias são os melhores períodos para se vender renda, é nessa época que a rendeira tem maior lucro e pode subsistir nos períodos de venda escassa. Atualmente os “bugueiros” (pessoas que fazem passeios de buggy com turistas pelas praias mais próximas ao Beach Park) são os “elos” entre os turistas e as rendeiras, desde que a rota dos ônibus de turistas deixou de ir à Prainha. Para isso funcionar, os “bugueiros” recebem um percentual sobre suas vendas.

4.3 Participantes da pesquisa

As participantes da pesquisa são um grupo de mulheres rendeiras que se reúnem diariamente em três polos específicos na localidade da Prainha, Aquiraz, para venda de produtos de renda de bilro.

As rendeiras participantes pertencem à Associação de rendeiras da Prainha. Há cerca de 50 rendeiras associadas, mas muitas não estão em atividade atualmente. O critério de inclusão foi a frequência de, pelo menos, cinco dias por semana no referido local, ou seja, para que caracterize a sua atividade como “mulher rendeira” por profissão.

Todas as entrevistadas expõem seus trabalhos pelo menos seis dias da semana, os expedientes variam de quatro a oito horas por dia, a média de horas trabalhadas diárias é de seis horas e meia.

Apenas 12 rendeiras atenderam ao critério de inclusão e à condição de participação, visto que algumas, apesar de terem agendado a entrevista, não puderam participar das mesmas, por diversos motivos, entre eles: timidez, preocupação em vender seus produtos, horário para almoçar, imprevistos, etc. Outras não se encaixavam no perfil de frequência proposto pelo critério de inclusão, trabalhavam apenas nos fins de semana, desenvolvendo outras atividades durante a semana.

Até dois anos atrás, o grupo de rendeiras se reunia no centro das rendeiras da Prainha, lá se reuniam desde sua fundação, há quase 30 anos. Mas após o início das obras de recuperação e reforma do centro, em 2008, as rendeiras foram transferidas para uma palhoça em um restaurante de comidas típicas do local e depois aconteceram duas divisões, após um mal entendido com o dono da palhoça e a prefeitura, muitas foram para um prédio de um hotel desativado, alugado pela prefeitura e, depois de algum tempo, umas saíram de lá, voltaram para o centro das renderias, com barracas improvisadas de plástico e madeira. Notadamente a divisão final se deu por afinidades.

4.4 Mecanismos e estratégias de coleta de dados

Para a coleta dos dados foram utilizadas: a entrevista semiestruturada gravadas em arquivo mp3 e o registro das observações no diário de campo.

- Entrevistas semiestruturadas:

Em um primeiro momento, antes da aplicação das entrevistas propriamente ditas, houve um período específico de visitação e conversas informais com as participantes, para que a presença da pesquisadora não influenciasse a situação observada.

No processo de aplicação das entrevistas, foram-lhes explicados os objetivos daquelas entrevistas, garantindo-lhes o anonimato, e também lhes foi informado previamente que as entrevistas seriam gravadas a fim de dinamizar o processo para que nada do que foi relatado fosse negligenciado.

O roteiro da entrevista inseriu um diálogo entre a pesquisadora e a informante, no que tange à especificidade das questões para levar a pesquisa de forma objetiva ao problema investigado, não deixando a pesquisa perder-se de si.

Buscou-se um perfil dessas mulheres, incluindo idade, escolaridade, idade em que aprenderam a fazer renda, horas de trabalho como rendeira, dentre outros.

Depois de colher estes dados, foram realizadas perguntas abertas (APÊNDICE I) solicitando que falassem do seu dia-a-dia, quais atividades desenvolviam desde a hora que acordam até a hora em que vão dormir; como o trabalho delas é visto por elas e pelos outros (valorização); quais as dificuldades encontradas por elas; como é a convivência com as outras rendeiras; se há alguém que se destaque como líder; qual a importância do trabalho em suas vidas e o que ele lhes proporciona; como elas se sentem como mulheres e se elas mudariam alguma coisa em si mesmas.

Nas primeiras visitas, após lhes serem explicados os objetivos da pesquisa, as entrevistas foram agendadas a fim de poder entrevistá-las em seu local de trabalho.

Cada uma das entrevistas durou, em média, 45 minutos. Havia sempre algum tipo de interrupção, visto que chegavam turistas, amigos. Mas tão logo a rendeira

se desocupasse, as perguntas eram refeitas a fim de retornar à entrevista. À medida que a entrevista ia se desenvolvendo, outras rendeiras chegavam perto para ouvir. Como as entrevistadas não demonstraram se incomodar com isso, as entrevistas seguiram mesmo assim.

- Registro das informações

Foi utilizado como auxílio ao estudo o diário de campo, onde foram registrados os acontecimentos e as dinâmicas observadas no local da pesquisa, relativo às rendeiras e demais pessoas envolvidas no local de venda dos produtos. Neste processo, a pesquisadora estava sempre presente, e foi necessária a sistematização dos registros, com descrição minuciosa do contexto.

4.5 Método de análise das entrevistas

A análise das informações obedeceu a alguns passos sugeridos por Minayo (2008), que são: Pré-Análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados obtidos e Interpretação.

A pré-análise é constituída de três fases: (a) leitura flutuante, (b) constituição do corpus e (c) formulação e reformulação de hipóteses e objetivos. Inicialmente, foram realizadas as transcrições das entrevistas. Nesse repetitivo processo de escutar e escrever, foi possível identificar algumas ideias relevantes que surgiram a partir das falas dos entrevistados. Concluída a transcrição, começaram as leituras das entrevistas, o que permitiu continuar com as anotações de questões que as falas instigavam. Em seguida, os dados foram organizados segundo os temas tratados no roteiro da entrevista e segundo as categorias selecionadas, objeto da pesquisa.

Após uma segunda leitura das entrevistas — a exploração do material — foi elaborada uma classificação dos dados, buscando apreender as estruturas de relevância e as ideias centrais que os sujeitos da pesquisa tentavam transmitir.

4.6 Aspectos éticos

Dizem respeito ao sigilo das informações quanto à identidade dos participantes e ao uso da pesquisa e seus objetivos.

Participaram desta pesquisa apenas as rendeiras que se prontificaram voluntariamente a responder aos questionamentos, estando previamente esclarecidas a respeito da intenção do estudo e tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em obediência à Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde / Ministério da Saúde, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996).

As participantes foram informadas dos objetivos da pesquisa, e, às que aceitaram tomar parte nela, foi assegurado o anonimato, bem como a possibilidade de se retirarem, a qualquer momento, do estudo.

No transcorrer da análise e da descrição das informações, foi tido todo o cuidado de omitir quaisquer informações que pudessem identificar os sujeitos. As falas das rendeiras estão identificadas por nomes de flores; assim, a identidade das entrevistadas fica preservada.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Geral de Fortaleza, sob o protocolo do CEP: 041109/10, em 4 de novembro de 2010.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo analisa as informações obtidas através das entrevistas, promovendo um diálogo entre os autores que abordam as temáticas categorizadas e as informantes desse estudo: as rendeiras.

Objetivando uma maior aproximação com as entrevistadas, segue um breve perfil das mesmas:

	Nome fictício	Idade	Escolaridade	Faz renda há... (anos)	Estado civil	Horas diárias trabalhadas
1	Margarida	59	2 grau	52	viúva	8
2	Jasmim	54	2 série	48	solteira	7
3	Rosa	55	3 série	47	viúva	6
4	Gardênia	34	2 grau	26	solteira	4
5	Russélia	47	5 série	35	casada	4
6	Celestina	74	3 série	66	viúva	4
7	Dália	50	4 série	42	casada	7
8	Magnólia	74	4 série	64	viúva	8
9	Azaleia	67	1 série	61	solteira	7
10	Antúrio	55	5 série	44	separada	7
11	Hibisco	51	7 série	41	solteira	7
12	Gérbera	60	4 série	45	viúva	6

Como se observa no quadro, suas idades variam entre 34 e 74 anos. Não há analfabetas, porém a escolaridade varia desde a primeira série até o segundo grau completo. A maioria das rendeiras entrevistadas são viúvas (cinco), depois seguem as solteiras (quatro), casadas (duas), e apenas uma se declarou separada. As entrevistadas aprenderam a fazer renda ainda na infância, a mais nova começou com seis anos e a mais velha com 15, tendo como professoras suas mães e avós. As crianças improvisavam as almofadas em cocos secos, para prender o papelão e os alfinetes. A maioria (dez) tem mais de 40 anos de experiência em fazer renda. As horas

diárias trabalhadas, em média, são seis horas e vinte cinco minutos, às vezes até sete dias por semana.

5.1 Jornada tripla de trabalho: o trabalho invisível

Observa-se que a maioria das rendeiras acordam muito cedo, ao raiar do dia, para seus afazeres domésticos, como fazer o café da manhã, limpar e arrumar a casa, lavar roupa, fazer o almoço, a exemplo destas falas:

[...] acordo 5 horas, passo o café, apanho o lixo, varro e vou para o lado de fora lavar as panelas. Tô indo buscar água no chafariz, boto 3, 4 caminhos de água, vou limpar o fogão, vou fazer o arroz, fazer o macarrão, se quiser faz o feijão. Boto uma bacia de pano do lado de fora, quando eles (netos) chegam da escola, 11h, boto o almoço deles, só venho pra cá para o trabalho depois que eu sirvo o almoço deles. (Celestina)

[...] 5 horas da manhã, lava roupa, todo dia, varre casa, faz almoço, tudo que uma dona de casa faz eu faço, de cinco às nove, tomo banho, tomo café e venho pra cá [...] aqui passo o dia trabalhando (fazendo renda). (Jasmim)

Apesar do volume de atividades que se escondem sob o nome **afazeres domésticos** (grifo nosso), e que mantêm ocupadas mulheres de todas as camadas sociais, o trabalho doméstico não é contabilizado como atividade econômica (BRUSCHINI, 2006). Este tipo de trabalho não é mensurado como trabalho propriamente dito, nem pela própria rendeira. Por um lado, tem-se o trabalho artesanal, que permite à rendeira organizar seu dia, conforme queria ou precise, e, por outro lado, tem-se os afazeres domésticos, que obedecem a uma demanda diária e repetitiva, todos os dias fazem a mesma coisa. O **trabalho** (grifo nosso) delas é fazer renda, os afazeres domésticos não são percebidos desta forma, sendo o trabalho doméstico considerado um trabalho “invisível”, como nomeia Melo, Considera e Sabbato (2007).

Esse trabalho rotineiro, sem prazer, aproxima-se da origem da palavra trabalho, no sentido penoso, “tripalium”, que é aparelho de três paus para sujeitar os cavalos que não se deixam ferrar, ato ou efeito de trabalhar... (FERREIRA, 1986); bem distanciado do fazer renda, como podemos perceber nesta fala:

[...] só venho pra cá depois que eu dou o almoço deles, pronto: a tarde é minha. Venho pra cá, é bom, eu tenho mais descanso aqui de que em casa [...] (Celestina)

Fazer renda, fora desta rotina maçante, além de ser o **trabalho** reconhecido (grifo nosso), é ainda chamado de “descanso”, é alívio para este outro trabalho, invisível e não contabilizado. O fazer renda é que é reconhecido como trabalho, talvez pelo fato de se caracterizar na comunidade como uma ocupação conhecida, imbuída de *status*, por ser exercida em local próprio, rompendo os limites do “lar”.

5.2 Prazer no trabalho

A referência ao prazer, ao bem-estar que fazer renda promove, surgiu nas falas de diversas maneiras.

Ferreira (1986) define prazer como sendo: “Contentamento, alegria, jovialidade. / Satisfação, deleite, delícia. / Boa vontade, agrado. / Distração, divertimento” (FERREIRA 1986:1378).

Prazer este que emerge:

Eu tenho prazer em fazer renda [...] eu venho pra cá, adoro fazer renda, é uma terapia, pra mim é muito relaxante, eu não tenho estresse, graças a Deus, eu não tenho depressão. (Margarida)

É um trabalho que não lhe estressa, é um trabalho que você faz por prazer [...] é uma coisa boa que eu gosto, e que me dá prazer. (Jasmim)

Segundo D'ACQUINO (1984), **prazer** (grifo nosso), em sentido psíquico, é o que resulta do funcionamento equilibrado e coerente do ser humano, nos seus inúmeros aspectos, inclusive os corporais, mas, principalmente, os psíquicos.

A rendeira comenta que, além do prazer em si, fazer renda não cansa, não estressa:

[...] é um trabalho que não lhe estressa, é um trabalho que você faz por prazer [...] eu me sinto realizada com o trabalho que eu faço, não é cansativo, não estressa, não tenho estafa. (Jasmim)

Outra rendeira comenta que é uma fuga para os problemas, distrai, resgata da aflição e faz “sumir” o que lhe faz mal, promove o bem estar:

[...] porque eu tô preocupada com uma coisa, e aquilo me distrai a mente. Começo a fazer uma “fisioterapia” (referiu-se à terapia), aí desaparece. (Gérbera)

Dejours (1990) discorre sobre a carga psíquica do trabalho, afirmando que quanto menor esta for, mais equilibrante será o trabalho. O trabalho livremente escolhido, mais próximo ao contexto da rendeira, é considerado equilibrante:

[...] um trabalho livremente escolhido ou livremente organizado oferece, geralmente, vias de descarga mais adaptadas às necessidades: o trabalho torna-se então um meio de relaxamento, às vezes a tal ponto que uma vez a tarefa terminada, o trabalhador se sente melhor que antes de tê-la começado: é o caso do artista, do pesquisador, do cirurgião quando estão satisfeitos com seu trabalho. (DEJOURS 1994:25)

O trabalho da rendeira, caracterizado pela liberdade de execução, aliado à aptidão e à arte, ao criativo, oferece à rendeira ganhos de carga psíquica de bem-estar, prazer, promovendo assim uma melhora na saúde mental dessas mulheres.

A recompensa do trabalho das rendeiras, enquanto artesãs, revela as recompensas emocionais a que Sennett (2009) se refere:

As recompensas emocionais oferecidas pela habilidade artesanal na consecução desse tipo de perícia são de dois tipos: as pessoas se ligam a realidade tangível e podem orgulhar-se de seu trabalho. (SENNETT 2009, 31)

Esta rendeira demonstra, na sua fala, o que Sennett afirma acima:

Eu valorizo muito o meu trabalho [...] quando o turista vem, chega, olha, acha tão bonito, eu me sinto tão importante, e mais importante ainda quando eu termino aquela peça.
(Hibisco)

Isto corrobora com a visão de Mills do que vem a ser o trabalho artesanal por definição, que é um trabalho idealizado da satisfação, que cria uma relação íntima entre o artesão e seu produto, e que dele tira mais que o sustento (MILLS, 1979).

O prazer no trabalho está intimamente relacionado ao tipo de trabalho exercido por essas mulheres, e aqui suas falas confirmam este prazer no fazer em si. O trabalho artesanal tem esta característica de misturar o produto com o seu produtor, um vínculo psicológico, não de possuir, mas de controle sobre o objeto, de ver o resultado final de sua habilidade e trabalho, é a busca do prazer, da realização, e, assim, de aperfeiçoamento de suas habilidades (MILLS, 1979).

Na fala de Rosa, a seguir, vê-se a necessidade de ter o seu trabalho valorizado pelo outro:

[...] eu acho que é valorizado sim, principalmente os turistas
[...] chega aqui pra comprar, eu vou mostrar, vou contar

como dá trabalho, como faz, pra eles poderem entender que isso aqui é a renda de bilro, realmente tem valor, aí se interessam, querem saber quem fez, dão valor ao trabalho da gente. (Rosa)

O turista funciona como espelho, ele reflete o trabalho dessas mulheres, valorizam e retornam a elas o valor deste trabalho. Valorizam quando se interessam pelo processo, quando demonstram interesse em levar consigo parte daquele fazer, em foto e em produtos, e mais ainda uma experiência de conhecimento.

5.3 As dificuldades no fazer renda

Se por um lado fazer renda traz prazer, bem-estar, é importante mencionar outros aspectos que decorrem desse fazer. Algumas rendeiras mencionaram como dificuldade do seu trabalho fatores de ordem física, como:

O problema de vista. Trabalhando na linha fina, a vista fica cansada. (Rosa)

No começo até dessa idade de 50 anos ele me fez muito bem, mas só que tá aparecendo uma dor nisso aqui (punhos) e aqui (ombros) [...] mas é o jeito, porque é a profissão da gente é essa, se a gente num trabalhar... Ficar aqui o dia todinho, sem tá trabalhando (sem estar fazendo renda) é muito ruim, mas a gente toca o barco pra frente, o que ele faz de ruim é só isso, porque o movimento é muito repetido. Muita gente diz que é esse “LER”. (Dália)

O objeto da saúde do trabalhador pode ser definido como o processo saúde e doença dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho (OLIVEIRA, MUROFUSI, 2001). As doenças ocupacionais são estudadas dentro de um aspecto capitalista de subordinação do empregado ao seu trabalho e/ou às condições de trabalho. No caso das rendeiras, isto ocorre de outra maneira, uma vez que elas são subordinadas a elas mesmas; cabe aqui uma melhor orientação a estas trabalhadoras, de como prevenir problemas na coluna, nas articulações, dentre outras.

Outra dificuldade que emergiu das falas foi a má remuneração:

[...] eu me sinto bem de fazer a renda, eu gosto de fazer, às vezes a gente faz por necessidade, mas eu faço às vezes por prazer, por prazer de fazer a renda, porque se fosse pra sobreviver num dava. (Gardênia)

Outra queixa é a sazonalidade das vendas, que não promovem uma segurança financeira para estas mulheres.

[...] a dificuldade sabe o que é, é de vender, quando essa alta passar (alta estação), ninguém vende, é parado... (Magnólia)
[...] porque a gente não depende só disso aqui pra viver, pra sobreviver, não tem nenhuma que sobreviva disso aqui (da venda da renda), é um complemento, a gente tem que ter ajuda de alguma coisa, de alguém [...] meu marido é aposentado [...] tem uma jangadinha ali, tem um butiquinzinho que ele vende bombom e aí junta uma coisa com a outra, pra fazer um todo, quer dizer, se fosse daqui, talvez, eu não digo com certeza, mas se eu fosse sobreviver disso aqui eu acho que eu ia passar muito apertado, nas condições que a gente tá agora, atual, na alta estação, tudo bem, ótimo, todo dia a gente vende, mas quando chega na baixa estação, a gente passa uma semana, duas semanas, às vezes passa até três sem vender. (Jasmim)

O período de férias, a chamada alta estação, traz muitos turistas aos pontos de venda das rendeiras, porém, em épocas de baixa estação, quase não conseguem vender seus produtos, influenciando assim a renda complementar que levam para casa. Esta situação depende de interesse político, mas primeiramente depende da organização das rendeiras enquanto grupo. A sazonalidade é inerente a qualquer trabalho que tem como mercado consumidor o turismo.

Segundo Mota (2001), a sazonalidade, no contexto do turismo, é definida como um período para a ocorrência de um dado fenômeno, ou seja, ocorre em alguns períodos e em outros não, a sazonalidade turística é decorrente da concentração das atividades do turismo em um dado espaço e tempo (MOTA, 2001).

A rendeira se compara à formiga que trabalha no verão para ter o que comer no inverno:

A maior dificuldade é assim, eu sempre digo que nós rendeiras somos iguais às formiga, porque a formiga passa o ano todinho trabalhando pra comer no inverno, e aqui a gente passa a temporada da baixa estação toda trabalhando, juntando pra vender na alta estação, que é a melhor época que a gente tem do ano, o bom seria que fosse tudo igual, o ano todo, e a dificuldade é porque a gente num tem um incentivo, a gente deveria ter um incentivo do governo, uma ajuda, pelo menos que eles botasse a rota turística. (Jasmim)

A passividade em esperar o turista chegar submete as rendeiras à sazonalidade, colocando o seu sustento nesta dependência, subordinando seus ganhos a pequenos períodos de tempo durante o ano. Há uma visão de que algo pode ser feito para melhorar esta situação, mas não há mobilização ou organização para isso. Nos relatos, algumas comentaram que há muitos anos havia uma rota de ônibus que sempre trazia turistas para a Prainha, mas esta foi modificada, influenciando negativamente no ganho dessas mulheres.

5.4 O conforto do grupo dentro dos grupos

O trabalho da rendeira é caracterizado também pelo coletivo, pelo estar junto; assim, o grupo exerce uma importante influência na dinâmica do trabalho dessas mulheres.

Segundo Ferreira (1986), grupo significa:

Conjunto de pessoas ou de objetos reunidos num mesmo lugar. /
Conjunto de pessoas que apresentam o mesmo comportamento e a mesma atitude, e com um objetivo comum que condiciona a

coesão de seus membros: um grupo político; um grupo de trabalho; psicologia de grupo. (FERREIRA 1986:871)

Para Liebmann (1986 apud SEI, PEREIRA 2005), o grupo tem algumas vantagens quando comparado com o trabalho individual, como maior possibilidade de aprendizado social, catalisando o desenvolvimento de recursos e habilidades latentes e espaço para que pessoas com necessidades similares encontrem apoio um no outro.

O coletivo das rendeiras surge no discurso de algumas delas. O grupo, e esta rede social que se forma, aparece como parte do fazer renda:

[...] quando eu chego ali naquela esquina, meus problemas vão voltando tudinho, aqui eu me sinto bem, eu me sinto feliz com o grupo, esse grupo aqui é um grupo muito unido. (Jasmim)

Esta rede social é composta por objetos sociais, que são as pessoas em si, suas funções e as situações em que se encontram enquanto grupo que oferece apoio aos integrantes do grupo em suas diferentes necessidades (DESSEN, 2000). Percebe-se o grupo também como integrante deste “fazer renda”, como parte do estar no trabalho, o trabalho individual e coletivo.

Na fala a seguir, a rendeira “leva” o grupo para casa, revive o dia-a-dia do local de trabalho:

Eu gosto muito daqui, elas tudo são legal, é, eu acho graça, elas dizem as besteiras, aí lá em casa, eu tô rindo [...] eu gosto delas aqui, o grupo aqui é muito legal [...] (Gérbera)

Ainda segundo Dessen, os suportes sociais recebidos pelas pessoas são fundamentais para a manutenção da saúde mental e para enfrentar situações de estresse (DESSEN, 2000). Gérbera ficou viúva há pouco tempo, sentia-se só:

Eu vim pra cá porque tava me dando depressão d'eu estar só, porque ele morreu (marido) e eu fiquei com saudade assim, o médico disse "a senhora vá trabalhar onde tem gente, pra conversar", aí eu fiquei boa, da outra vez (na consulta seguinte) eu já não tinha mais nada! Quando eram 10 horas, eu via só os pássaros, eu botava as comidas das galinhas, sobra o resto das sementes, do milho, vinha comer os passarinho [...] menina, me dava um pânico, uma coisa, eu vim trabalhar, por causa disso [...] foi um santo remédio! (Gérbera)

Estar presente no grupo, fazer parte dele, poder compartilhar suas angústias, ou ainda que seja uma mera ocupação do tempo, proporcionou saúde, bem-estar, vida nova para esta rendeira.

O grupo funciona como apoio, além do apoio emocional, há também o apoio material:

[...] se uma amiga minha adoecer, e se a gente não se reunir aqui e a gente não fizer assim um bingo, uma rifa, se a gente não se reunir e uma comprar 1 kg de alimento, outra comprar outro pra gente conseguir levantar uma cesta básica e levar praquela que tá doente, vai morrer. (Jasmim)

Vale ressaltar que a situação atual dos grupos corrobora um pouco com esta situação de afinidade dentro de cada grupo. Esta organização vem se dando ao longo de dois anos, quando se deu a primeira divisão do grupo; de lá para cá as rendeiras se organizaram de acordo com suas afinidades, levando os grupos agora existentes a se encaixarem de forma mais real à definição de grupo propriamente dita.

5.5 Os conflitos entre os grupos

Da mesma maneira que estar no grupo oferece suporte e apoio, tem-se também os conflitos que este estar junto também proporciona. Se por um lado as

rendeiras conseguiram se organizar por afinidades (nos grupos menores), por outro, ficou mais acirrada as diferenças entre elas:

Olha, depois que foi derrubado aquele centro de rendeiras ficou a situação precária pra nós [...] elas diziam “se nós formos pracolá vocês num vão não?” eu num vou não [...] o que eu vou fazer acolá? Naquela poeira? Nós vamos ser da favela? Porque lá tá mesmo que uma favela [...] ela (a presidente da associação) é mandada pela Margarida, são cinco cão pra atazanar a nossa vida [...] eu já disse, nós vamos entrar na justiça, nós vamos atrás do estatuto e vamos tacar em cima delas (Azaleia)

Dentro do convívio das rendeiras, ou de qualquer grupo, há diferenças e conflitos, e no caso delas estes foram exacerbados quando aconteceu a fragmentação do grande grupo, à medida que foram se dividindo, e agora chegaram a três grupos distintos. As diferenças cresceram como que numa lente de aumento.

A existência de conflitos nas relações humanas é inevitável. Para melhor compreender essa dinâmica que acontece dentro dos grupos, Zimmerman (1997) esclarece que o campo proporcionado pelo grupo pode se constituir como uma galeria de espelhos ao oferecer espaço para que a pessoa se reflita e seja refletida nos e pelos outros, favorecendo a consolidação da própria identidade e mostrando as diferenças (ZIMERMAN, 1997).

No tocante à dinâmica grupal, a líder deveria fazer este papel de agregação, mas isto não ocorre. Cada subgrupo, agora, parece ter a sua líder por vocação.

Em um dos grupos, emergiu a seguinte fala:

Eu sempre comandeí o grupo, desde quando criou a associação, eu sou uma líder nata, eu reconheço em mim que eu tenho essa facilidade de comandar. (Margarida)

Esta fala não emergiu no discurso das demais rendeiras desse grupo, mas é visível a influência que ela exerce na presidente da associação, ela se vê como líder, mas o restante do grupo não apontou para esta visão. Esta é a rendeira com maior escolaridade, seu discurso é articulado, conhecedora dos trâmites legais para alcançar o que deseja, mas apesar de sua instrução, as outras rendeiras a veem de forma negativa, não fica claro o motivo. Os demais grupos parecem observar o grupo de que ela participa, para daí tomarem alguma atitude, ação apenas reativa em relação às dinâmicas da associação, que deveria ser um bem comum.

Como estão separadas, as ações conjuntas não evoluem, pois a briga interna não permite a organização de uma conduta a fim de alcançarem seus objetivos coletivos. Neste caso, as rendeiras aclamadas como líderes poderiam suplantar essas diferenças, o que não ocorre.

5.6 Os frutos do trabalho

A intenção de diferenciar o “prazer” dos “frutos” do trabalho se dá pelo fato de o primeiro acontecer no fazer propriamente dito, no ato de fazer a renda, de concluir seu produto. Ao se falar dos frutos, objetiva-se conhecer o que elas percebem como algo que é gerado através do seu trabalho, o que este consegue fornecer a elas, ou seja, o retorno de sua profissão.

5.6.1 Os amigos da rendeira

Através da ocupação das rendeiras, elas têm a possibilidade de conhecer muitas e diferentes pessoas, sejam turistas, pessoas da comunidade, lideranças. Em suas falas, estes conhecidos são carinhosamente chamados de amigos.

Segundo Ferreira (1986), amizade significa:

Afeição; estima, dedicação recíproca entre pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente: laços de amizade. Amor. Acordo: tratado de amizade. Benevolência, favor, serviço: provas de amizade (FERREIRA, 1986:106).

Apesar de o sentido da palavra amizade não estar empregado no seu sentido mais profundo, é assim que as rendeiras nomeiam suas relações, que advêm do seu trabalho;

[...] a gente tem clientes, faz amigos, amigas, e de outros países, tem convite, ela (uma cliente) veio aqui e me levou pra São Paulo pra ensinar ela também. (Rosa)

[...] e me gratifica porque eu estou entre amigos. (Jasmim)

[...] a gente tem muito amigo aqui, a gente conhece... Ele vem aqui, o turista [...] (Azaleia)

Essas mulheres percebem essas relações como amizade, mas seria mais apropriado nomeá-las de rede social, visto que esta rede lhes proporciona a ajuda mútua, ressaltando aqui os aspectos positivos das relações sociais, como o compartilhar informações, o auxílio em momentos de crise e a presença em eventos sociais. Um envolvimento comunitário, por exemplo, pode ser significativo fator psicossocial no aumento da confiança pessoal, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas (ANDRADE, VAITSMAN, 2002). Assim, esta rede se entrelaça dando o suporte que essas mulheres precisam para enfrentar seu dia-a-dia.

5.6.2 Independência financeira

A obtenção da independência financeira emergiu das falas, contrapondo-se às dificuldades de sazonalidade que elas encontram em vender seus produtos, quando algumas disseram não ser possível viver da renda. Apesar dessa dificuldade, a renda lhes garante certa autonomia, alguma independência financeira, tornando-as ativas, economicamente falando:

[...] porque só em eu trabalhar e ter meu dinheiro, e não precisar de ninguém... E o dinheiro já é seu, e num vai ter que pedir pra alguém, quer comprar uma coisa, ter o seu dinheiro pra [...] dar valor ao seu trabalho, [...] eu trabalho! Às vezes ele num tem dinheiro, eu tendo, eu compro, o dele já é pras coisas, o meu só serve pra mim, pra eu comprar minhas coisas, uma coisa que eu preciso, né? (Russélia)

[...] me gratifica porque daqui eu tiro alguma coisa, pra mim, no meu benefício (Jasmim)

[...] quando eu comecei a ser rendeira eu consegui fazer a minha casa, minha mãe ajudou, mas teve parte que foi daqui, porque ter uma moradia é melhor do que viver de aluguel, com certeza. (Gardênia)

Fischer (2002) comenta que as mulheres, ao serem convocadas para a atividade remunerada, “elevam a consciência de sua importância na família e na sociedade” (FISCHER 2002:2). Elas deixam clara a importância dessa independência, na valorização de ter sua casa própria, de ter poder de comprar o que quiser, de poder ajudar a família.

Esta autonomia lhe confere também o título de provedora, e não mais apenas força reprodutora. Mas percebe-se que, apesar de a gradativa independência das mulheres significar o abandono de suas funções mais tradicionais (GELISNKI, RAMOS, 2004), isto não acontece no contexto das rendeiras; ocorre sim uma

sobreposição de papéis: além de exercer seu trabalho formal, fazer renda, elas ainda acumulam as atividades domésticas, como comentam Gelisnki e Ramos (2004):

Essa mudança do padrão de participação econômica das mulheres se fez também acompanhar de alterações na estrutura da família, ampliando as responsabilidades que recaem sobre as mulheres (GELISNKI, RAMOS, 2004: 145)

A participação da mão de obra feminina no mercado de trabalho cresceu significativamente, e as mulheres foram se autoafirmando perante a sociedade e o mercado, conquistando direitos que eram exclusivos dos homens (GELISNKI, RAMOS, 2004). No grupo das rendeiras pesquisadas, mais da metade delas são viúvas e/ou separadas, cuidam do seu próprio sustento, sem necessariamente depender de um companheiro.

5.7 A mulher por trás da rendeira

Depois de conhecer muitos aspectos dessa mulher trabalhadora, de jornada tripla de trabalho, que ajuda no sustento do lar, que acha no seu fazer facetas de bem-estar, procurou-se descobrir o que a rendeira pensa da mulher propriamente.

5.7.1 A mulher despercebida

É interessante como esta mulher, no sentido sensual ou sexual, não é percebida. Ela quase não emerge nas falas, ela está impregnada de trabalho, obrigações, está fundida no aspecto do fazer/ser:

Quando questionadas sobre como elas se veem como mulher, eis o que surge:

No setor de mulher, [...] eu gosto de estar envolvida com todo problema de organização, gosto de participar de projetos, sou filiada ao PC do B, eu sou militante, eu sou política em todos os sentidos, política da igreja, política partidária, política social. (Margarida)

Gosto de tratar as pessoas bem, gosto muito de ser o meu jeito assim, mulher, eu me sinto assim de ser uma mulher rendeira, trabalhadora, vividora. (Dália)

Margarida se vê como uma mulher política, Dália como trabalhadora.

Jasmim e Hibisco definem a **mulher** (grifo nosso), caracterizando-a da seguinte maneira:

[...] tenho meus defeitos, claro, porque ninguém é perfeito, tenho o meu lado bom, positivo, de ser humano, de ajudar a quem precisa, o meu lado de entender as suas amigas de trabalho, quer dizer, tem umas que chega assim meia “ra ra” (com problemas) e a gente conversa. (Jasmim)

Eu sempre sou uma pessoa muito parada na minha, eu sempre sou. Um pouquinho tímida, é até porque, no começo eu sou muito tímida, mas quando a pessoa começa a conversar comigo, daí é que eu vou me soltando, eu sou desse tipo de pessoa assim. (Hibisco)

Na verdade, traçam como se percebem enquanto seres relacionais, são definições alheias ao gênero. Incita a pergunta: Onde está a mulher?

Pode-se conjecturar apenas — o foco da entrevista não era este — mas é interessante salientar este aspecto, pois pode influir na saúde mental dessas mulheres.

Quando a sexualidade emerge, é comentada como algo do passado, relacionado ao ato sexual em si:

Bem, a mulher hoje está um pouco mais pra criança, se aquietou, praticamente voltou a ser criança. A Jasmim mulher hoje não é mais aquela mulher disposta, que abraça, que beija, que faz carinho. A Jasmim, de furacão, passou pra geladeira! (risos) Já fui, já gostei, mas é a velhice. (Jasmim)

Sobre a sexualidade na menopausa, Oliveira, Jesus e Merighi (2008)

comentam:

A sexualidade perfaz uma ampla dimensão pessoal, própria ao ser humano, constituindo sua totalidade biopsicossocial e espiritual. Assim, refere-se não somente a uma dimensão biológica, mas também a um universo dotado de subjetividade, em que se firmam as relações pessoais e interpessoais (OLIVEIRA, D. M., JESUS, M. C. P., MERIGHI, 2008:520).

É uma fase, na vida da mulher, permeada de sutilezas, mudanças físicas e emocionais. Jasmim segue comentando que, onde mora, não há tratamento adequado para mulheres na menopausa, que tratamentos assim só há na capital, Fortaleza. Elas até têm algum conhecimento, mas não têm acesso a este tipo de tratamento.

Sobre outros aspectos do feminino, apenas uma rendeira associou o seu lado mulher à maternidade:

Como mulher, eu me sinto feliz, eu nasci mulher, sou mãe de seis filhos, meus filhos são maravilhosos, e graças a Deus eu me sinto feliz. (Gérbera)

Correia comenta que “a maternidade, nos nossos dias, é, para a mulher, uma de entre várias opções para a sua realização pessoal” (CORREIA 1998:371).

Quando a mulher é procurada, aparecem apenas os papéis que ela representa, a mulher-indivíduo permanece sob os vários títulos. Aqui se percebe a alienação voluntária ou inconsciente da percepção do ser mulher.

5.7.2 A rendeira e sua autoestima

Ao serem questionadas sobre como se sentem em relação a si mesmas, sobre suas autoestimas, elas referem gostar de cuidar-se, valorizar-se, cuidar dos

cabelos, comprar roupas, dentre outros. Aspectos da autoestima afloraram, descritas em cuidados com o corpo:

Gosto de me cuidar da minha saúde, de ir à academia, ir num passeio, curtir uma coisa, diversão, eu gosto de cuidar das minhas unhas, fazer sempre um tratamento nos meus cabelos, meu cabelo tá muito rebelde, gosto de andar bem vestida, se eu pudesse eu comprava roupa todo dia pra eu vestir! Gosto do meu corpo e principalmente assim da minha idade de 54 anos, o povo se admira, “tu tem 54 anos? Tu nem parece”. (Rosa)

Eu mesmo me dou valor, mas às vezes a minha patroa diz assim “Russélia, vamos ficar magra?” eu digo, “olha, eu tenho que me mostrar do jeito que eu sou”, se eu sou gorda eu tenho que passar gorda, ser alegre, eu sou gorda assim, eu não vou morrer porque eu sou gorda, ela: “Russélia, vai te ajeitar”, [...] Eu dou valor a mim, porque se eu não der valor, quem é que vai dar? (Russélia)

Eu não mudaria nada em mim, até porque eu vivo muito feliz com o meu corpo sagrado que Deus me deu. (Hibisco)

Apesar de o termo autoestima estar um pouco desgastado pela literatura de autoajuda, é importante focar nessa temática, pois ela é um importante sustentáculo da saúde mental.

Mruck (*apud* GOBITTA e GUZZO, 2002), levanta algumas questões que associam autoestima e saúde mental: 1) é um construto muito mais complexo do que pode parecer, pois está fortemente associada com outros aspectos da personalidade; 2) está relacionada à saúde mental, ou bem-estar psicológico; 3) a sua carência se relaciona com certos fenômenos mentais negativos como depressão e suicídio (GOBITTA e GUZZO, 2002).

A autoestima, nessas mulheres, está fortemente voltada para o corpo, para o cuidado de si, vestimenta, tratamentos, vaidade. Quando são questionadas se mudariam alguma coisa, elas, na sua maioria, relatam que mudariam aspectos de sua personalidade como mostram as falas seguintes:

Eu acho que eu mudaria o meu temperamento, hora da raiva eu sou tão agressiva, eu queria tanto mudar... E queria também poder tirar aquela angústia que fica dentro da pessoa [...] a gente fala coisa que depois se arrepende. (Gardênia)

Eu só mudaria que eu sou muito besta, o pessoal diz as coisas comigo e eu num sei responder. (Russélia)

Eu mudaria, eu queria mudar no temperamento, eu sou muito grossa com quem é grossa comigo, todo mundo tem seus defeitos. (Dália)

É interessante observar esta diferença que elas fazem entre seus corpos e suas personalidades; em suas falas, o corpo não necessita de mudança, mas, em alguns casos, seus temperamentos e condutas sociais precisam.

Outras comentam que estão satisfeitas como são e que não mudariam nada:

Eu num mudava nada não, tinha que ser assim. (Gérbera)

Pra mim tudo está bom, estou satisfeita! (Celestina)

Estes dois relatos são de mulheres mais maduras, com mais experiência de vida, que já desempenharam papéis de esposa, mãe, avó e agora vivem uma fase mais voltada para si. Talvez daí surja uma maior interação consigo mesmas, diferente das outras rendeiras que mudariam seus temperamentos.

A autoestima é fundamental para a saúde mental do indivíduo. É uma das bases de sustentação do bem-estar. Para Coopersmith (1967 *apud* GOBITTA e GUZZO, 2002), as pessoas que solicitam ajuda psicológica expressam com frequência sentimentos de inadequação, pouco valor e ansiedade associada à baixa autoestima (GOBITTA e GUZZO, 2002). Assim, é necessário o estímulo dessa autoestima, pois, a partir daí, o indivíduo terá condições de enfrentar melhor suas situações cotidianas de maneira mais firme e assertiva. As rendeiras têm em si apelos singulares, de habilidade manual, paciência, tradição e certa independência financeira, o que serve de estímulo para sua autoestima enquanto trabalhadoras, mulheres e seres sociais saudáveis.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como eixo central compreender como o trabalho manual da renda de bilro contribui com a saúde da mulher rendeira, bem como discutir de que modo esta atividade pode ser usada como elemento promotor da autoestima, e como este fazer renda, enquanto atividade coletiva, contribui como elemento preventivo de doenças.

O olhar para este fazer surgiu na experiência de trabalho num serviço público de saúde mental, em um grupo de pessoas com queixa difusa, quando uma integrante do grupo descobriu a almofada que havia na sala, e, a partir daí, sua melhora foi surpreendente. Demonstrando assiduidade, interesse e, por fim, retornando à sua atividade de rendeira.

As informantes dessa pesquisa foram rendeiras que trabalham na Prainha, localidade do município de Aquiraz, situado a 30 km de Fortaleza. Todas com mais de 20 anos, a maioria com mais de 40 anos de experiência em fazer renda, desenvolvendo esta atividade como principal fonte de renda, caracterizada pela presença pelo menos em seis dias por semana nos locais de venda dos produtos.

O fazer renda apresenta várias facetas; tomar conhecimento de algumas delas, possibilitou vislumbrar esta atividade como uma possibilidade de promover a melhoria das condições de saúde.

Há aspectos a serem mais bem explorados e investigados, que são comuns a várias profissões femininas, como o acúmulo de tarefas, o que faz com que estas mulheres exerçam diariamente uma jornada tripla de trabalho, sem necessariamente reconhecer os afazeres domésticos também como trabalho, muito embora não seja um trabalho remunerado e não ultrapasse os limites do lar. Todavia, consome horas do dia

dessas mulheres, que também colaboram no sustento da casa e dos filhos com o seu trabalho oficial e reconhecido de fazer renda.

Pode-se compreender melhor o efeito positivo do fazer renda quando muitas falas emergem referindo-se a este fazer como um ato prazeroso por si, sem contar ou esperar o retorno financeiro para que este prazer se complete. Nesses relatos, ficou clara a relação profunda entre a artesã e seu produto, quando ela transforma e é transformada por ele, nesse contínuo processo de fazer e ser feita. O trabalho relaxado, prazeroso, livremente organizado, permite esta satisfação estruturante que colabora com a saúde mental das trabalhadoras.

As características do fazer renda, para estas mulheres, promove o relaxamento, a distração, o foco no fazer em si, que completa o significado da ação. É um fazer com objetivo, imbuído de volição, interesse — premissa que a terapia ocupacional utiliza quando aplica uma atividade — visto que a atividade só é terapêutica quando é cheia de significados para aquele que a executa.

Conheceram-se, também, os percalços deste caminho; percebeu-se que a atividade, quando mal orientada, pode promover desconfortos, mas ainda assim a atividade permite a retomada da normalidade. Por um lado, a postura da rendeira estimula dores lombares, cervicais, desgastes das articulações proximais e distais nos membros superiores, dentre outros; por outro lado, a liberdade do seu trabalho permite atitudes preventivas desses males. Informar a estas mulheres sobre ginásticas laborais, instruí-las em exercícios preventivos, é uma conduta simples que pode minimizar estas dificuldades. Aqui também seria um serviço em que a equipe multidisciplinar de atenção básica poderia oferecer a esta e outras profissionais, que usam seus corpos como

instrumentos de trabalho, e, no caso das rendeiras, com a vantagem de poderem controlar seus tempos de descanso e trabalho.

As dificuldades relacionadas com a sazonalidade das vendas emergiu na maioria das falas, mostrando que as rendeiras estão passivas a estes fenômenos. A preocupação com o retorno financeiro é algo importante, que influi no estado mental dessas mulheres quando aparece uma conta para pagar e elas não têm como prover. Junta-se a isto a desorganização dos grupos, fragmentados e fracos de força política para reivindicarem suas necessidades. As diferenças entre os grupos enfraqueceu o grito dessas mulheres batalhadoras, que talvez ainda não consigam enxergar isto. Apesar dessas diferenças entre os grupos e da desorganização da fala conjunta de uma profissão, os grupos menores desempenham um papel importante na vida delas, são apoio no momento de dificuldade: quando uma adocece, as outras se mobilizam para ajudar com uma cesta básica, são a escuta no momento de angústia, são a distração para os problemas que ficaram em casa. O grupo por afinidade é estruturante e promotor de bem-estar para suas integrantes.

Apesar das queixas sobre a má remuneração, os frutos do trabalho são reconhecidos por elas, o trabalho lhes rendeu e rende casa, comida, vestimenta, diversão, autocuidado, dentre outros. Não é uma atividade que, sozinha, sustente toda a família, mas ajuda neste manter. Esta atividade rende também uma vasta rede social, pois lidam com muitas pessoas ao longo dos dias e acabam por conhecer pessoas do mundo inteiro. Elas têm, nesses turistas, amigos que moram longe e que valorizam seu trabalho.

A mulher por trás da rendeira é despercebida em sua sexualidade, as rendeiras estão impregnadas de atribuições e de afazeres e acabam por esquecer que

são mulheres, de modo que a sua feminilidade está atrelada ao trabalho, à maternidade, e não à sexualidade em si.

A autoestima aparece no cuidado com o corpo. Cuidar da saúde, cuidar dos cabelos, comprar roupa nova, ir à academia, divertir-se. Elas demonstraram estar satisfeitas consigo mesmas, fisicamente falando, mas muitas relataram que gostariam de mudar alguns traços no seu comportamento, na sua atitude perante os outros.

Diante destas apreensões, considera-se que o estudo obteve êxito em compreender como o fazer renda pode promover condições de saúde para estas mulheres, pelas características do fazer, e como os aspectos nocivos podem ser facilmente descartados, visto que a orientação e instrução melhoraria demasiadamente este fazer. Alguns esclarecimentos sobre a importância da mulher como força produtiva e a valorização do trabalho doméstico lhes dariam novas ferramentas de enfrentamento frente às dificuldades. Os aspectos positivos, como a satisfação, o prazer, a liberdade de execução da atividade, a rede social que brota deste fazer, o apoio do grupo e certa independência financeira, são bases sólidas para a construção de uma saúde mental, física e social para estas mulheres.

Deste estudo, conclui-se ainda que a rede de atenção básica de saúde pode intervir na vida laboral destas e de outras tantas trabalhadoras, instruindo-as sobre como elas podem se cuidar melhor, e preventivamente, do seu corpo, no seu local de trabalho ou mesmo nas atividades domésticas, prevenindo doenças ocupacionais e outras queixas provenientes de suas ocupações. Outro investimento importante a ser feito nessas mulheres é a orientação com relação aos aspectos legais de sua organização trabalhista, por meio de secretarias de ação social e trabalho, provendo-lhes informação e acesso aos diversos tipos de financiamento e orientando nas melhores

estratégias de venda, vislumbrando que este incentivo faz bem também ao município, no sentido preventivo de patologias de ordem física e mental e também em estar ocupando e tornando economicamente ativas estas mulheres. O fazer renda produz muitas ferramentas que podem ser utilizadas como recurso de promoção de saúde, prevenção de morbidades e, acima de tudo, uma vida equilibrada e feliz.

Referências

ALBORNOS, S. **O que é trabalho?** Coleção Primeiros Passos. Brasiliense, 1986.

ALMEIDA, L. C. . **Genealogias femininas em O Penhoar Chinês de Rachel Jardim.** Signo, Santa Cruz do Sul, v. 28, p. 7-30, 2003.

ANDRADE, G. R. B., VAITSMAN, J. **Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2002, vol.7, n.4, pp. 925-934. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232002000400023&lng=en&nrm=iso Acesso em 7/12/10.

BRASIL. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde. **Termo de Consentimento livre e esclarecido.** Resolução 196 de 10 de outubro de 1996.

BATISTA A. A. V., VIEIRA M. J., CARDOSO N. C. S., CARVALHO G. R. P. **Fatores de motivação e insatisfação no trabalho do enfermeiro.** *Rev. Esc. Enferm. USP*; 39 p.85-91, 2005

BONATELLI, M. J. **As rendas.** Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1956.

BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia.** São Paulo: EPU, 1977

CARLO, M., BARTALOTTI C.C. **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas.** 1ª Ed. São Paulo. Editora Plexus, 2001.

CODO W., SAMPAIO J. J. C. & HITOMI A.H. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar.** Petrópolis. Vozes, 1993.

CORREIA, M. J. **Sobre a maternidade.** *Aná. Psicológica*, set. 1998, vol.16, no.3, p.365-371. ISSN 0870-8231. Disponível em: < <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v16n3/v16n3a02.pdf>> Acesso em 9 de dezembro de 2010.

D'ACQUINO, G. **Viver o prazer.** São Paulo : Edições Paulinas/Psicologia Familiar,1992.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo da psicodinâmica do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** São Paulo: Atlas, 1994.

DESSEN M. A., BRAZ M. P. **Rede Social de Apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, Vol. 16 n. 3, pp. 221-231, 2000. <<http://74.125.155.132/scholar?q=cache:sdV->

xIV6FpsJ:scholar.google.com/+re de+social&hl=pt-BR&as_sdt=2000>. Acesso em 19 de nov. de 2010

ENQUITA, M. F. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre. Artes Médicas, 1989.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2^a ed.(rev. e aum.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISCHER, I. R. **A participação da mulher no orçamento familiar**. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, 2002.

FLEURY, C. A.E. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará**: expressão artística de um povo. Dissertação, Universidade do Rio de Janeiro, 2002.

FRANCISCO, B. **Terapia Ocupacional**. 2^a Ed. rev. e atual. Campinas. Papyrus: 2001.

GELINSKI, C.R.O., RAMOS, I. S. **Mulher e família em mutação: onde estão os mecanismos de apoio para o trabalho feminino?** Rev. Mulher e Trabalho, 2004. Disponível em: <[http://www.fee.tche.br/sitefee/download /mulher/2004/artigo9.pdf](http://www.fee.tche.br/sitefee/download/mulher/2004/artigo9.pdf)> Acesso em: 8 de dezembro de 2010.

GIRÃO, V. C. **A renda de bilros e seus artifícios**. Fortaleza: Ed. UFC, 1966.

_____ **Renda de Bilros**. Fortaleza: Ed. UFC, 1984.

_____ **Rendas do Ceará**. In: Ministério da Educação e Cultura. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, 1963.

_____ **Rendas e bordados do Ceará**. Separata de "O CEARÁ", 3^a edição. Fortaleza: 1965.

GOBITTA, M., GUZZO, R. S. L. **Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2002, vol.15, n.1 pp. 143-150. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 9 de dezembro de 2010.

HOLANDA, V. M. S. **Mulher rendeira**: de símbolo a marketing cultural no Ceará. Monografia graduação (Ciências Sociais) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.

IBGE. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/primeiros_dados_divulgados/index.php?uf=41> acesso em 7 de dezembro de 2010.

LEOPARDI T.L. **Metodologia da Pesquisa na Saúde**. 2ª Ed. ver. e atual. Florianópolis. UFSC, 2002.

LIMA, H. *Imagens do Ceará*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, sd. Cadernos de Cultura, v. 16, 1955.

LEOPARDI, M.T. **Metodologia da pesquisa em saúde**. Florianópolis: UFSC, 2002.

MARTINELLI, M. L. (Org.) **Pesquisa qualitativa- um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MAXIMINO, V. **Grupos de atividades com paciente psicóticos**. São José dos Campos: UNIVAP, 2001.

MENDONÇA, M. L. P. **Algumas considerações sobre rendas e rendeiras do nordeste**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1961.

MILLS, W. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. S. **Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia**. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1988000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Dec 2006. .

MOTA, K. C. N. **Marketing Turístico: promovendo uma atividade sazonal**. São Paulo: Atlas, 2001.

NOBLAT, R. **Olê, olê, mulher rendeira**. Revista Geográfica Universal, 1975. Disponível em: <http://noblat.ultimosegundo.ig.com.br/noblat/upload/90817d1_104c515914_-7ffa.doc> Acesso em: 25 de janeiro de 2005.

OLIVEIRA, B. R. G., MUROFUSE, N. T. **Acidentes de trabalho e doença ocupacional: estudo sobre o conhecimento do trabalhador hospitalar dos riscos à saúde de seu trabalho**. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. 2001, vol.9, n.1, pp. 109-115. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n1/11538.pdf>> acesso em: 5 de dezembro de 2010.

OLIVEIRA, D. M., JESUS, M. C. P., MERIGHI, M. A. B. **Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo**. Texto contexto -

enferm., Florianópolis, v. 17, n. 3, 2008 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Dec. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE AQUIRAZ - PMA. Disponível em:
<<http://www.aquiraz.ce.gov.br/historico.asp>> Acesso em 8 de dezembro de 2010.

PORTO ALEGRE, S. **Arte e ofício de Artesão- histórias e trajetórias de um meio de sobrevivência**. Fortaleza: NESP, 1985.

RAMOS, A. **A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil** / com Luiza Ramos Rio de Janeiro, Publicações da Sociedade Brasileira e Antropologia e Etnologia, 1948.

RICHARDSON, J. R. Pesquisa Social métodos e técnicas. 3ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

RUIZ, E. M. **Morte e Trabalho: uma análise da identidade individual de trabalhadores em atividades diretamente relacionadas com a morte e o morrer**. Projeto de Pesquisa. Fortaleza. UECE, 2005.

SALLES, V. J. **Artesanato Brasileiro: rendas**. Rio de Janeiro: Ed. Funarte, 1986.

SCHUTZ, W. C. **O prazer expansão da consciência humana**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1974.

SEI, M. B., PEREIRA, L. A. V. **Grupo arteterapêutico com crianças: reflexões**. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, jun. 2005 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 dez. 2010.

SENNETT, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 5-147, 1997.

SOUZA, E. M., GRUNDY, E. **Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública**. Cad. Saúde Pública vol.20 no.5 Rio de Janeiro Sept./Oct. 2004.

TELES, E. L. A. **Praxis e Poieses: uma leitura arendtiana do agir político**. Cadernos de Ética e Filosofia Política 6, 123-140, 2005.

VASCONCELOS, J. G. **A memória em construção: sonho, silêncio e esquecimento dos militantes de esquerda no Brasil autoritário.** Tese (Doutorado em Sociologia – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1997.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

ZANELLA, A. V., BALBINOT, G. e PEREIRA, R.S. **Re-criar (na) renda de bilro: analisando a nova trama tecida.** *Psicol.Reflex. Crit.*, Jun. 2000, vol. 3, no. 3, p. 539-547.

_____. **A renda que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira.** *Educ. Soc.*, Jul. 2000, vol. 21, no. 71, p. 235-252.

_____. **O ensinar e o aprender a fazer renda: estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural.** São Paulo. Tese de Doutorado em Psicologia da Educação - apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

ZIMERMAN, D; OSÓRIO, L.C. & Colaboradores: **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

APÊNDICES

Apêndice I – Roteiro da entrevista semi-estruturada

1. Identificação:

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Estado Civil: _____

Nível de escolaridade: _____

Data da entrevista: ____/____/____

2. Histórico ocupacional:

Início das atividades de rendeira: _____

Quantas horas por dia você trabalha como rendeira?: _____

3. Roteiro norteador

Conte um pouco do seu dia-a-dia. Quais atividades você desenvolve? (Mãe, dona de casa, esposa, rendeira etc...)

Fale do seu trabalho de rendeira. (Como você vê o seu trabalho? Ele é valorizado pelos outros? E por você, o que você acha do trabalho de fazer renda? De que forma lhe faz bem trabalhar com renda? Quais as dificuldades?)

Fale um pouco da sua convivência aqui com as outras rendeiras. (Existe alguma organização? Alguma se destaca como líder? Como vocês se organizam para alcançar objetivos comuns?)

Fale um pouco de como você se sente como trabalhadora? (É importante trabalhar? O que o trabalho lhe possibilita?)

Como você se sente como mulher? (Você se valoriza? O que você não gosta em você? Como você se descreveria, em poucas palavras?)

“Obrigada pela sua colaboração nesta pesquisa, tão logo ela esteja concluída, eu terei o maior prazer em apresentá-la para vocês”

Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sou Terapeuta Ocupacional, estudante do Curso de pós-graduação em Saúde Pública da Universidade Estadual do Ceará – UECE, e estou desenvolvendo uma pesquisa científica sobre **Trabalho manual: a técnica da renda de bilro como elemento de promoção de saúde** com o objetivo de conhecer mais sobre essas mulheres e sua visão sobre a relação do seu fazer e sua saúde, na Prainha, em Aquiraz, no mês de novembro de 2010. Neste sentido, solicito sua colaboração com a pesquisadora para realizar uma entrevista gravada.

Os dados serão apresentados a Universidade Estadual do Ceará – UECE e divulgados junto à comunidade acadêmica, respeitando o caráter confidencial das identidades, garanto-lhe que sua participação ficará no anonimato, não será divulgado seu nome. A senhora tem o direito de não participar dessa pesquisa se assim o desejar, mas seria importante seu depoimento, uma vez que faz parte das pessoas que estão envolvidas neste processo. Esse trabalho pode proporcionar à comunidade acadêmica e aos profissionais da saúde uma reflexão acerca da atividade de fazer renda.

A pesquisa oferece riscos mínimos justificados pelas perguntas não serem constrangedoras.

Aceitando participar, se por qualquer motivo, durante o andamento da pesquisa, resolver desistir, tem toda a liberdade para retirar o seu consentimento a qualquer momento. Reforço que sua colaboração e participação poderão trazer benefícios para o desenvolvimento científico, responder a essas perguntas não lhe trará riscos a sua saúde, nem mesmo risco de advertências por ter participado ou não. Tudo ocorrerá em sigilo. Para possíveis esclarecimentos, estou disponível através dos telefones (85) 9984 4276 e (85) 3224 8705.

Atenciosamente,

Ludmila Nogueira de Macedo Pitta

Consentimento Pós-Informado

Declaro que tomei conhecimento do estudo que pretende conhecer a atividade da renda e sua relação com a saúde mental, na Prainha no município de Aquiraz, no período de novembro de 2010, intitulado **Trabalho manual: a técnica da renda de bilro como elemento de promoção de saúde**, realizado pela pesquisadora Ludmila Nogueira de Macedo Pitta, compreendi seus propósitos e concordo em participar da pesquisa, não me oponho a responder a entrevista e nem à gravação dela, podendo, em qualquer momento, retirar meu consentimento desta.

Local, _____ de _____ de _____

Ciente: _____

Assinatura da entrevistada

Assinatura da pesquisadora

Ludmila Nogueira de Macedo Pitta

(1ª via para a pesquisada e 2ª via para o arquivo da pesquisadora)